

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

DACYO CAVALCANTE FERNANDES

ESTUDO FONÉTICO E FONOLÓGICO DA LÍNGUA YUHUP



ARARAQUARA – S.P.
2017

DACYO CAVALCANTE FERNANDES

ESTUDO FONÉTICO E FONOLÓGICO DA LÍNGUA YUHUP

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Bolsa: Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ARARAQUARA – S.P.

2017

Cavalcante Fernandes, Dacyo
Estudo fonético e fonológico da língua Yuhup /
Dacyo Cavalcante Fernandes – 2017
121 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Cristina Martins Fargetti

1. Língua Yuhup. 2. Família Nadahup. 3. Fonologia. I.
Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DACYO CAVALCANTE FERNANDES

ESTUDO FONÉTICO E FONOLÓGICO DA LÍNGUA YUHUP

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti.

Bolsa: Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Data da qualificação: 24/02/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Cristina Martins Fargetti, Doutora
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Membro Titular: Luiz Carlos Cagliari, Doutor
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Membro Titular: Angel Humberto Corbera Mori, Doutor
Universidade Estadual de Campinas.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara

À minha família, nas figuras de minha mãe, Maria Sirlei Cavalcante, minha esposa, Talita Souza de Lima Cavalcante, e minhas filhas, Aimée de Lima Cavalcante e Melissa de Lima Cavalcante, que me concederam matéria, estrutura e propósito.

AGRADECIMENTOS

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro indispensável para a realização da pesquisa e trabalho de campo.

À Funai (Fundação Nacional do Índio), sobretudo à Coordenação Regional do Rio Negro, na figura de Domingos Barreto, pela permissão de acesso à Terra Indígena do Alto Rio Negro, essencial para o levantamento dos dados de campo e desenvolvimento deste estudo.

Ao ISA (Instituto Socioambiental), à FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e ao SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura), pelo suporte técnico e material na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Ao povo Yuhupdeh pela fraterna recepção, disponibilidade e paciência. Em especial, aos Yuhupdeh da comunidade de São Martinho, que me acolheram como a um irmão apesar de minha flagrante imperícia diante de suas notáveis formas de entender, representar e ocupar o mundo.

À minha orientadora Cristina Martins Fargetti, pelas largas horas de trabalho e patentes mostras de confiança depositadas no meu estudo, o que me tem conduzido na vida acadêmica desde a graduação.

A Henrique Junio Felipe, antropólogo e amigo que me introduziu aos caminhos e povos do Rio Negro, e me levou, por meio desse contato, a descobrir uma nova dimensão de existir.

A Marina Célia Mendonça, professora e coordenadora do programa de pós-graduação em linguística e língua portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus Araraquara, sem cujo admirável comprometimento minha viagem de campo não se teria viabilizado.

A Denise Silva, pelos inesgotáveis e amplos conselhos, pelo diálogo sempre empático e pela contribuição silenciosa na figura do seu trabalho ético.

A Luiz Carlos Cagliari, pela abalizada leitura e pelas inestimáveis contribuições apontadas.

A Mateus Cruz Maciel de Carvalho, pela constante disponibilidade e suporte capazes de atravessar o oceano.

A Cácio Silva, pela rica interlocução e pela valiosa experiência, fontes e *insights* compartilhados.

A Wallace Costa de Andrade, pelo diálogo e referências amplamente produtivos.

A Simone Fernandes da Costa, pelo apoio e conhecimento inspiradores.

Aos membros da banca, por aceitarem o convite.

A todos aqueles que, por distintas e abundantes maneiras, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, sem os quais os mais obstinados esforços seriam baldados.

“Art is, like magic, the science of manipulating symbols, words or images to achieve changes in consciousness. The very language of magic seems to be talking as much about writing or art as it is about supernatural events. A grimoire for example, the book of spells, is simply a fancy way of saying grammar. Indeed, to ‘cast a spell’ is simply to ‘spell’, to manipulate words to change people's consciousness. And I believe this is why an artist or writer is the closest thing in the contemporary world that you are likely to see to a shaman.”

Alan Moore (2005)

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo fonético e fonológico da língua indígena Yuhup, pertencente à família linguística Nadahup e falada em territórios da região amazônica que se estendem por faixas do Brasil e da Colômbia. O levantamento dos dados foi efetuado em uma única viagem de campo, realizada em outubro de 2015. A metodologia emprega distintos recursos de análise, recorrendo ao estruturalismo norte-americano e modelos de fonologia não linear. Além da seção introdutória e da conclusão, o trabalho se divide em cinco partes que abordam: 1 os aspectos teórico-metodológicos; 2 dados sobre o povo e a família linguística; 3 o estudo fonêmico dos sons identificados na língua; 4 a análise da estrutura silábica segundo a fonologia não linear; 5 a classificação do acento segundo a teoria métrica de Hayes (1995).

Palavras – chave: Língua Yuhup. Família Nadahup. Fonologia.

ABSTRACT

This work consists of a phonetic and phonological study of the Yuhup indigenous language, affiliated to the Nadahup family and spoken across Amazonic territories through Brazil and Colombia. Data collection was performed on a single fieldwork held in October 2015. The methodology utilizes different analytical resources, resorting to American structuralism and non-linear phonology models. Besides introductory section and the conclusion, this work is divided into five sections that address: 1 theoretical-methodological aspects; 2 data on the people and language family; 3 phonemic study of sounds identified in the language; 4 the analysis of the syllabic structure according to non-linear phonology; 5 stress classification according to Hayes metrical theory (1995).

Keywords: Yuhup language. Nadahup family. Phonology.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	As comunidades Yuhupdeh. Fonte: SILVA & SILVA, 2012: 54.	22
Mapa 2	Região do Alto Rio Negro [vulgo ‘Cabeça do Cachorro’]. Fonte: EPPS, P.; STENZEL, K. (2013, p. 4).	38
Mapa 3	Distribuição das línguas Nadahup. Fonte: EPPS (2005, p. 4).	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Comunidade São Martinho, igarapé Cunuri. Fonte: Arquivo pessoal, 2015.	24
Figura 2	Januário preparando o ipadu. Comunidade São Martinho, igarapé Cunuri. Fonte: Arquivo pessoal, 2015.	25
Figura 3	Chegada na comunidade São Felipe, igarapé Cunuri. Fonte: Arquivo pessoal, 2015.	26
Figura 4	Palhoça utilizada nas oficinas do PGTA. Aldeia São Felipe, igarapé Cunuri. Fonte: Arquivo pessoal, 2015.	28
Figura 5	Henrique e os Yuhupdeh em reunião do PGTA. Aldeia São Felipe, igarapé Cunuri. Fonte: Arquivo pessoal, 2015.	29
Figura 6	Yuhupdeh realizando lista de palavras na oficina de políticas linguísticas. Aldeia São Felipe, igarapé Cunuri. Fonte: Arquivo pessoal, 2015.	30
Figura 7	Samuel na casa de Seo Laureano. Aldeia São Martinho, igarapé Cunuri. Fonte: Arquivo pessoal, 2015.	33
Figura 8	Nadahup (Maku) Family. Fonte: Epps (2005. p. 3).	46
Figura 9	Sequências tonais associadas aos morfemas monossilábicos. Fonte: OSPINA (2002: 125).	52
Figura 10	Sequências tonais H-B e B-H associadas aos morfemas dissilábicos. Fonte: OSPINA (2002: 125).	52
Figura 11	Sequências tonais B-HB e B-BH associados aos morfemas dissilábicos. Fonte: OSPINA (2002: 126).	52
Figura 12	Estrutura arbórea da sílaba segunda a fonologia não linear.	79
Figura 13	Representação de níveis em estrutura arbórea segunda a fonologia não linear.	86
Figura 14	Representação de níveis em estrutura arbórea segunda a fonologia não linear.	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Fones consonantais da língua Yuhup.	60
Quadro 2	Fonemas consonantais da língua Yuhup.	72
Quadro 3	Fones vocálicos da língua Yuhup.	72
Quadro 4	Fonemas vocálicos da língua Yuhup.	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Povos Indígenas do médio e alto Rio Negro. Fonte: CGEE (2014, p. 40).	40
Tabela 2	Fonemas consonantais. Fonte: SILVA & SILVA (2012: 80).	54
Tabela 3	Fonemas vocálicos. Fonte: SILVA & SILVA (2012: 80).	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

σ	Sílaba
C	Consoante
V	Vogal
R	Rima silábica
Co	Coda silábica
A	Ataque silábico
Nu	Núcleo silábico
'	Acento primário
´	Acento secundário
.	Fronteira silábica
[]	Representação fonética
//	Representação fonológica
ʔ	Articulação bloqueada
~	Laringalização
‘ ’	Tradução livre
CAI	Contraste em Ambiente Idêntico
CAA	Contraste em Ambiente Análogo
S	Forte
W	Fraco
Gel	Grupo de estudos linguísticos
IPA	International Phonetical Alphabet
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
AM	Amazonas
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
.	Sílaba átona
*	Sílaba proeminente
M	Mora silábica
ProPal	Proeminência em Palavra
ProComp	Proeminência no composto
CGEE	Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 TRABALHO DE CAMPO	20
1.1 Assessoria linguística	20
1.1.1 Projeto de Gestão de Território Ambiental – PGTA	20
1.1.2 Primeiro contato com os Yuhupdeh	21
1.1.3 Oficina de políticas linguísticas	28
1.2 Aspectos teórico-metodológicos	32
1.2.1 Coleta dos dados	32
1.2.2 Posicionamento teórico-metodológico	34
2 OS YUHUPDEH E A FAMÍLIA NADAHUP	37
2.1 Demografia e localização	38
2.2 O povo Yuhupdeh	41
2.3 A família linguística Nadahup	45
2.4 Estudos Anteriores	47
3 FONÊMICA SEGMENTAL	58
3.1 Fones consonantais	60
3.1.1 Sons consonantais foneticamente semelhantes	67
3.2 Fones vocálicos	72
3.2.1 Sons vocálicos foneticamente semelhantes	75
4 SÍLABA	78
4.1 Segmentos ambivalentes	79
4.2 Sílabas no Yuhup	80
5 ACENTO	85
5.1 Acento no Yuhup	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97
BIBLIOGRAFIA	101
APÊNDICE	103
APÊNDICE A – Experiência na Terra Indígena do Alto Rio Negro	104

INTRODUÇÃO

O saber ancestral encarnado nas distintas tradições indígenas vai muito além do conhecimento acerca da flora e da fauna. A percepção holista das relações ecológicas, a compreensão integrada dos ciclos cosmológicos, a diversidade de formas de conceber a economia, a estética e a transcendência, a multiplicidade linguística – toda essa exuberância cultural amadurecida através das sucessivas gerações permite a construção de perspectivas únicas a respeito do homem e do mundo. De acordo com Crystal:

Without exposure to the alternative visions of the world expressed by other languages, our view of ourselves and of our planet remains inward-looking, unchallenged, and parochial. It is only by experiencing another language and culture – whether at home or abroad – that we discover the defining contours of our own¹ (CRYSTAL, 2011: 14).

A diversidade linguística constitui um patrimônio de valor incalculável para a humanidade, já que permite o intercâmbio de diferentes maneiras de produzir conhecimento e crença, atitudes estéticas e estratégias adaptativas. Isso significa que as sociedades humanas são tanto mais privilegiadas e culturalmente ricas quanto maior for a diversidade linguística do planeta. Ainda assim, os modos de vida dos povos tradicionais e seus sistemas de conhecimento se encontram continuamente ameaçados pelo avanço das culturas majoritárias, tanto do ponto de vista material quanto do simbólico.

Historicamente, a expansão de civilizações colonizadoras tem devorado terras, culturas e vidas em todas as regiões do planeta, oprimindo as identidades étnicas das sociedades minoritárias, expropriando os habitantes nativos de sua soberania ancestral sobre o território e depauperando os recursos naturais que alicerçam suas redes socioecológicas. O primeiro volume do relatório da ONU, publicado em 2010, relaciona essas ameaças aos sistemas produtivos e econômicos das culturas majoritárias:

As the pressures on the Earth's resources intensify, indigenous peoples bear disproportionate costs from resource-intensive and resource-extractive industries and activities such as mining, oil and gas development, large dams and other infrastructure projects, logging and plantations, bio-prospecting, industrial fishing

¹ ‘Sem a exposição às visões alternativas do mundo expressas pelas outras línguas, nossa visão de nós mesmos e do nosso planeta permanece voltada para dentro, axiomática e paroquial. É só por experimentar uma outra língua e cultura – em nosso próprio país ou no exterior – que descobrimos os contornos definidores de nós mesmos’ (tradução nossa).

and farming, and also eco-tourism and imposed conservation projects² (CARINO, 2010: 18).

Assim, as práticas milenares de sobrevivência das comunidades tradicionais se fragilizam em razão do impacto da produção industrial em larga escala, do avanço do desflorestamento e das monoculturas, da exploração dos recursos naturais acima da capacidade de renovação ambiental e assim por diante. Some-se a isso o fato de que muitas comunidades cessaram de transmitir suas línguas maternas às crianças, seja pela falta de interesse dos jovens, seja pela influência de culturas dominantes, seja por outros fatores de natureza sociolinguística. Com isso, diversas línguas restam utilizadas apenas pelos velhos, o que compromete suas possibilidades de preservação, sobretudo no caso das sociedades ágrafas. De acordo com Seki:

Estima-se que, no decorrer dos 500 anos de colonização, cerca de mil línguas se perderam devido ao desaparecimento físico dos falantes, em decorrência de epidemias, extermínio direto, escravização, redução de territórios, destruição das condições de sobrevivência e aculturação forçada, entre outros fatores que sempre acompanharam as frentes de expansão desde o período colonial até nossos dias (SEKI, 2000: 238).

Importa lembrar que a mensuração desse quadro se encontra sempre aquém da realidade, em razão da dificuldade de acesso a grupos minoritários e isolados que variavelmente ficam fora das estatísticas. Portanto, embora as estatísticas procurem dar conta do plano geral, o volume da perda sempre pode ser maior do que se supõe.

De acordo com Crystal, a situação crítica envolvendo a diversidade linguística do planeta se tornou reconhecida acadêmica e politicamente apenas na década de 1990. As estimativas então publicadas apontavam um ritmo crescente de ameaça à diversidade linguística. Segundo o autor:

The statistics, whether expressed by pessimists (80 per cent extinction within a century) or optimists (25 per cent extinction), were compelling, and the accounts of ongoing endangerment, as well as of successful revitalisation when conditions are right, were persuasive. A middle-of-the-road figure was 3000 languages so seriously endangered that they were likely to die out during the course of the present century: that is one language dying on average every two weeks³ (CRYSTAL, 2011: 14).

² ‘Ao passo que a pressão sobre os recursos naturais se intensifica, os povos indígenas suportam custos desproporcionais das indústrias e atividades de extração intensiva tais como mineração, exploração de petróleo e gás, grandes represas e outros projetos de infra-estrutura, exploração madeireira e latifúndios, bio-prospecção, pesca e agricultura industrial, além do ecoturismo e projetos de conservação impostos’ (tradução nossa).

³ ‘As estatísticas, ora expressas por pessimistas (80 por cento de extinção em um século), ora por otimistas (25 por cento de extinção), eram convincentes, e os cálculos do perigo em curso, bem como de revitalização bem-sucedida diante de condições ideais, eram persuasivas. Um valor de meio termo seria 3.000 línguas tão seriamente ameaçadas a ponto de desaparecer durante o curso do presente século: isso significa uma língua morrendo em média a cada duas semanas’ (tradução nossa).

Em virtude dessas e outras questões, a pesquisa científica enfocando línguas indígenas constitui uma das atividades centrais no campo da linguística. De acordo com Rodrigues:

Das tarefas da linguística pura que podemos entrever no Brasil e que reclamam a dedicação de especialistas com boa formação científica, devemos pôr em primeiro lugar a investigação das línguas indígenas [...]. O estudo dessas línguas é evidentemente de grande importância para o incremento dos conhecimentos linguísticos; cada nova língua é uma outra manifestação de como se pode realizar a linguagem humana [...]. As línguas indígenas constituem, pois, um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil (RODRIGUES, 1966: 4-5).

Para Seki, a importância do estudo de línguas indígenas diz respeito a fatores não apenas de ordem científica, mas também de ordem social:

Do ponto de vista científico, a relevância das línguas indígenas e sua pesquisa fica evidente diante da consideração de que a linguística busca compreender a natureza da linguagem humana, fenômeno que se caracteriza pela unidade na diversidade, manifestando-se em cada língua de forma particular e única. Assim, o estudo das diferentes manifestações é importante para o conhecimento da linguagem humana [...]. As línguas indígenas despertam interesse especial não por serem “exóticas”, mas por serem diversificadas e estarem entre as menos conhecidas da ciência, do que decorre a expectativa de que possam apresentar propriedades ainda não observadas em línguas de outras regiões.

[...] Ao mesmo tempo, a compreensão de que o processo de perda de línguas é determinado por fatores de ordem política e social sobre os quais os linguistas não têm controle tem servido de base para uma postura que focaliza a relevância científica do estudo das línguas indígenas e sua “preservação” enquanto objeto da linguística. (SEKI, 2000: 245).

Diante da relevância de se conhecer as línguas indígenas, o presente trabalho se propõe como um estudo fonético e fonológico da língua Yuhup, falada pelo povo Yuhupdeh. Para a elaboração deste estudo, foi efetuada uma única pesquisa de campo em outubro de 2015. Com duração aproximada de 30 dias, nossa estadia efetiva em território indígena ocorreu no espaço de duas semanas, transcorrido em duas aldeias Yuhupdeh, a saber: São Martinho e São Felipe, ambas situadas no igarapé Cunuri, Rio Tiquié.

Nossa abordagem para o processo de coleta seguiu os procedimentos tradicionais da fonêmica, na esteira de Pike (1971). Como o trabalho consistiu em nossa primeira experiência em campo, nossa atuação se concentrou basicamente no registro, da forma mais fiel possível, dos dados fonéticos da língua. Cumpre ressaltar que os questionários desempenhavam a função de linha condutora para as sessões de coleta, e não de roteiros exclusivos e inflexíveis, de modo que sua observância era complementada e enriquecida pelas situações episódicas de cada encontro.

Além desta introdução, o conteúdo deste trabalho é dividido em seis seções, organizadas da seguinte maneira: 1 “Aspectos Teórico-Metodológicos”, em que expomos os procedimentos metodológicos e o embasamento teórico que fundamentaram o desenvolvimento da pesquisa; 2 “Os Yuhupdeh e a Família Nadahup”, em que apresentamos informações sobre o povo e dados sobre sua família linguística; 3 “Fonêmica Segmental”, em que aplicamos as técnicas pikeanas a fim de identificar os fones consonantais e vocálicos da língua; 4 “Análise da Estrutura Silábica”, em que investigamos as estruturas silábicas do Yuhup conforme os preceitos das teorias não lineares; 5 “Classificação do Acento”, em que propomos uma classificação tipológica segundo a teoria métrica de Hayes (1995); e 6 “Considerações Finais”, em que concluimos as discussões sobre a língua e indicamos possíveis caminhos para o desenvolvimento deste estudo.

Desse modo, dedicada à relevante tarefa de descrição de uma língua indígena, conforme defendido por Rodrigues (1966), Seki (2000) e um sem número de estudiosos, nossa pesquisa buscou deixar contribuições não apenas à comunidade acadêmica, por meio das discussões realizadas e dados expostos, mas sobretudo às comunidades indígenas, por meio de registros que podem auxiliar a preservação de suas tradições, integrar futuras pesquisas comparativas e enriquecer o desenvolvimento de materiais educacionais.

1 TRABALHO DE CAMPO

Esta seção apresenta o contexto em que foi realizada a presente pesquisa e as bases teóricas e metodológicas que apoiaram sua elaboração. O estudo se fundamentou em dados próprios, obtidos em uma única viagem de campo efetuada em outubro de 2015, concomitantemente ao trabalho de assessoria linguística que prestamos junto à Funai, conforme se explicará. A pesquisa linguística foi desenvolvida essencialmente em duas fases, a saber: a coleta e registro dos dados da língua; e sua posterior interpretação e análise. A atividade de coleta contou com a gravação dos sons da língua e transcrição fonética, o que foi complementado por anotações em diário de campo e consulta a fontes bibliográficas, como se demonstrará.

1.1 Assessoria linguística

1.1.1 Projeto de Gestão de Território Ambiental – PGTA

Com admirável mérito, a Funai vem desenvolvendo projetos para preservar e revitalizar as tradições dos povos da região do médio e alto Rio Negro, AM, espaço de marcada profusão multiétnica e diversidade linguística. Dentre o conjunto de planos de ação adotados, confere-se destaque ao PGTA (Projeto de Gestão de Território Ambiental), que realiza, mediante a assessoria de indigenistas, o mapeamento do território original dos povos e promove a demarcação das suas terras, resguardando as condições para que os indígenas mantenham vivas suas matrizes culturais.

No interior das ações do PGTA junto aos Yuhupdeh situados na TI do Alto Rio Negro, identificou-se a necessidade de discutir questões de políticas linguísticas e ortografia, de modo a solucionar alguns dissensos ortográficos e esclarecer os falantes sobre o papel da língua como instrumento de afirmação identitária e tecnologia de registro cultural, que permite a preservação de suas tradições e a reivindicação de prerrogativas diante da Federação. Nesse cenário, fomos contatados pelo antropólogo Henrique Junio Felipe, que então realizava pesquisa de doutoramento pela UFSCar sobre as narrativas míticas dos Yuhupdeh, a fim de desenvolver o projeto de uma oficina linguística que contemplasse as referidas questões e fosse oferecida no âmbito do PGTA.

Diante da oportunidade de realizar um trabalho de observação participante com um povo e uma língua de características tão peculiares, julgamos amplamente compensador desenvolver um projeto de pesquisa linguística que pudesse ser realizada em paralelo com a regência da oficina, de modo a extrair da experiência o máximo proveito científico e deixar ao povo a máxima contribuição linguística. Para tanto, o projeto haveria de priorizar os dados fonéticos e fonológicos com que trabalharíamos na oficina, o que haveria de levar à elaboração da presente pesquisa.

Uma vez que o conteúdo das aulas foi preparado com a necessária antecedência, isto é, antes da realização da viagem para a aldeia, nossa atuação em campo se dividiu fundamentalmente em duas tarefas, a saber: a regência da oficina de políticas linguísticas; e a coleta dos dados fonéticos da língua. Cumpre frisar que a oficina e a pesquisa se desenrolaram concomitantemente, sem qualquer atrito ou conflito de interesses. Pelo contrário, a convergência das duas atividades provocou uma relação de recíproco estímulo, já que as diversas experiências na língua não rivalizam, mas se complementam.

1.1.2 Primeiro contato com os Yuhupdeh

Nossa jornada rumo aos Yuhupdeh teve início no dia 6 de outubro de 2015, com o desembarque na cidade de São Gabriel da Cachoeira⁴, AM. Os quatro primeiros dias na cidade foram destinados aos preparativos técnicos e burocráticos necessários à viagem. Após a obtenção do material pedagógico a ser utilizado na oficina, pelo fundamental auxílio da SEMEC (Secretaria Municipal da Educação e da Cultura), e das autorizações de acesso à terra indígena, graças à indispensável assistência da Funai (Fundação Nacional do Índio), providenciamos nosso meio de transporte e partimos para a aldeia São Martinho, a primeira localizada a jusante do igarapé Cunuri. As outras duas aldeias Yuhupdeh situadas no Cunuri (ver *Mapa 1*) são, respectivamente, São Felipe (onde teria lugar a oficina) e São Domingos. Para alcançar a região, seria necessário cruzar três rios, Negro, Vaupés e Tiquié, com duração total aproximada de 8 horas.

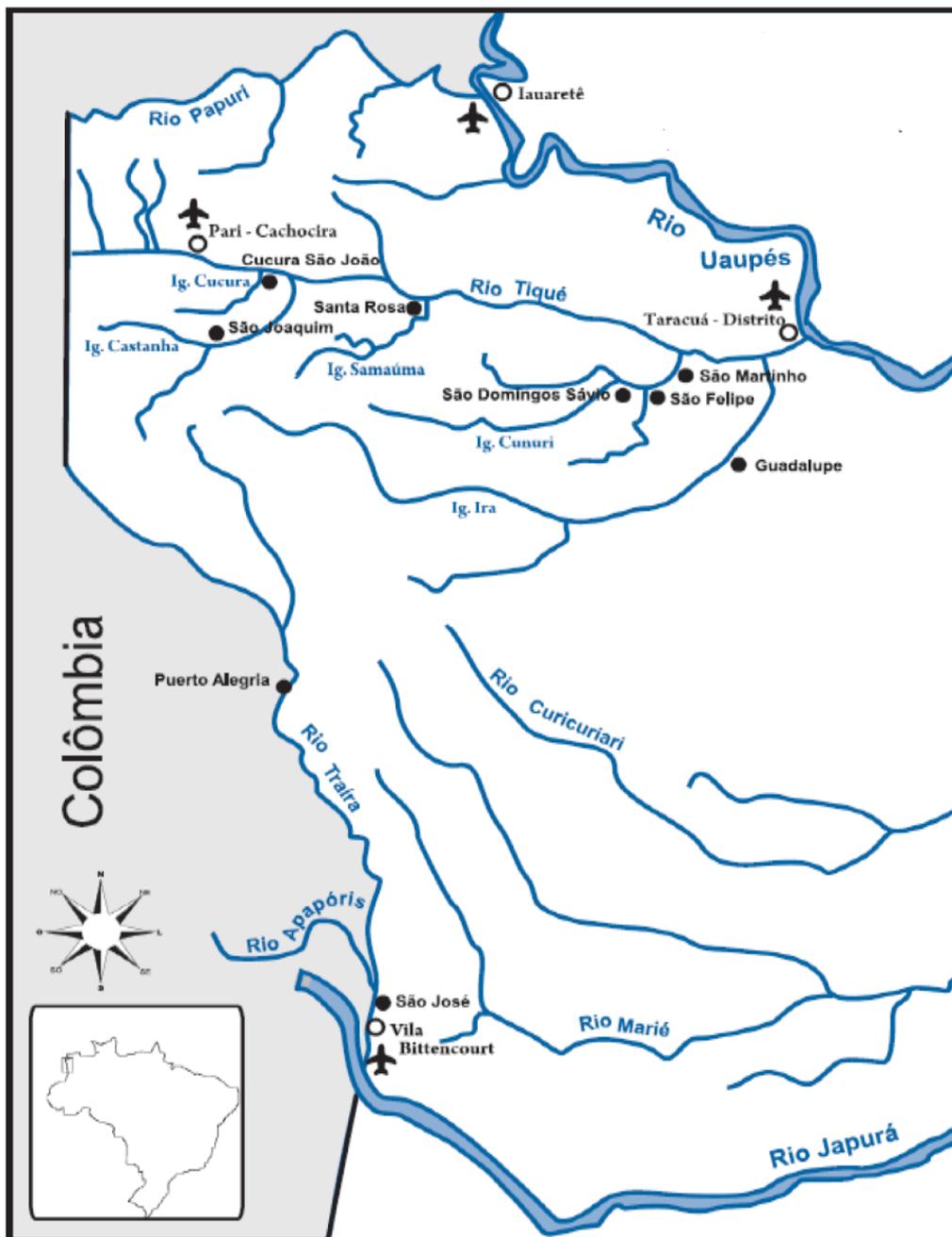
Nossa *voadeira* (como são conhecidos popularmente os botes metálicos movidos a motor de média potência) zarpou às 8 da manhã do dia 10 de outubro. Deslocando-se com o bojo enfiado na linha d'água devido à pesada carga que transportava, em pouco tempo o bote deixou o porto para trás. A paisagem, que já encantava no embarcadouro, tornava-se ainda mais deslumbrante no trajeto, com o rio se acompridando a nossa frente e a mata ciliar crescendo em imponência. Em época de baixa das águas, o surgimento de prainhas e sucessivas corredeiras⁵ (que os moradores chamam de *cachoeiras*) torna o rio ainda mais bonito, embora traiçoeiro.

Quando contava cerca de 20 minutos de viagem, após passar por um conjunto de corredeiras mais agitadas, o barqueiro desacelerou subitamente e começou a tirar do bote pnhados de água com as mãos. A voadeira havia batido em um banco de areia e a água começava a se acumular na popa. – O bote está afundando –, advertiu Henrique. Imediatamente, gritei ao piloto que acelerasse em

⁴ Ver Apêndice, fotos de 1 a 3.

⁵ Ver Apêndice, *Foto 4*.

direção a um conjunto de rochas que havia logo em frente, a fim de evitar o naufrágio. Apesar dos esforços do barqueiro, não foi possível acelerar o movimento do barco, já que a inundação havia danificado o motor, que não ligava mais. Felizmente, a correnteza do rio nos puxava exatamente naquela direção, de maneira lenta e regular. A água invadia a região traseira da embarcação e já avançava até a parte central. Como estava na dianteira, olhei para trás e percebi que nosso carregamento estava sendo tragado pela correnteza, e alguns tambores de gasolina já se dispersavam na largura do rio.



Mapa 1. As comunidades Yuhupdeh. Fonte: SILVA & SILVA, 2012: 54.

Nesse ponto, a voadeira já se havia rendido ao rio, de modo que o corpo submerso oscilava indefeso enquanto apenas a proa se projetava para fora da água. Por sorte, as rochas estavam imediatamente a nossa frente, e o vagaroso movimento que o barco ainda conseguia efetuar seria o bastante para escorar seu casco na base rochosa. Agarrei minha mochila (que continha todos os meus equipamentos eletrônicos e livros), pulei na pedra que se desenhava abaixo da língua da água e depus meus pertences na ponta seca daquela pequena ilha. Voltei ao bote, peguei uma grande caixa superficialmente molhada que trazia vários equipamentos (como uma câmera profissional, filmadora, notebook, GPS, DVDs, mapas, livros, cadernos) e a coloquei a salvo ao lado da mochila. Refiz o movimento até resgatar todos os itens que haviam sido poupados pela correnteza.

Mirei o rio em profundidade e reparei que, além dos pequenos pontos azuis à deriva (nossos tambores de combustível arrastados pelas águas), ao fundo uma pequena canoa vinha recolhendo os espólios que se mantinham à superfície. Em seguida, outra canoa se aproximava, trazendo mais itens extraviados. Tratava-se de um pequeno grupo de indígenas que, ao cruzar o rio em suas *rabetas* (canoas de madeira movidas a motor de baixa potência), testemunharam o acidente, relativamente comum na época de baixa do rio. Com seu auxílio, recuperamos parte das mercadorias perdidas e fomos rebocados de volta à baía, onde preparamos a segunda tentativa de viagem, dessa vez bem-sucedida. Partimos ao cair da tarde e dormimos em uma comunidade Tukano situada aproximadamente uma hora a montante do rio Negro, ainda nos domínios de São Gabriel.

Retomamos a viagem assim que se fez novo dia⁶, a fim de minimizar nosso atraso em função do incidente do dia anterior. Após cerca de 7 horas de contínua exposição aos elementos – fadigados pela inclemência do sol e pela pouca ergonomia da embarcação, o que era recompensado pela sensação de fusão com a paisagem e pela beleza do percurso, em um contraste de forças que parecia caracterizar aquele ambiente – finalmente alcançamos o igarapé Cunuri. Ao contrário dos rios, sempre largos e bastante iluminados, a boca do igarapé apresentava um aspecto sombrio, com diversos galhos retorcidos a emergir da água⁷, margens turvas e silenciosas, e um curso d'água estreito e sinuoso, que parecia abrigar pouca ou nenhuma vida. As condições de difícil navegação obrigavam a voadeira a andar com velocidade reduzida, no ritmo de uma *rabeta*, de modo que, desde a boca do Cunuri até a aldeia São Martinho, transcorreram quase uma hora.

⁶ Ver Apêndice, *Foto 5*.

⁷ Ver Apêndice, *Foto 20*.

Ao longe, a pequena orla aparentava medir cerca de 20 metros de extensão, sobre os quais algumas canoas embicadas denunciavam a presença humana⁸. Na margem do igarapé, a areia branca e fina da enseada contrastava com as águas negras do Cunuri, que se tornavam castanhas como caramelo ao contato com o chão⁹.

Para quem chega a partir do Cunuri, São Martinho surge como um planalto oculto por uma linha irregular de árvores, no meio das quais se abre uma passagem que liga a aldeia ao igarapé. Através dessa passagem e atrás da linha das árvores, estende-se uma área semicircular de areia branca e vegetação rasteira intermitente envolvida pela floresta, onde se situa a comunidade.



Figura 1. Comunidade São Martinho, igarapé Cunuri. Foto por: Dacyo Cavalcante Fernandes, 2015.

Chegamos no dia 11 de outubro. Ao aportar, fomos recebidos com abraços e apertos de mão por um grupo de índios que descobriram prematuramente nossa aproximação graças ao ruído do motor que ecoava pela mata. Aos poucos, mais pessoas chegavam dos fundos da aldeia para nos saudar, acompanhadas por dezenas de crianças eventualmente nuas e sempre muito festivas. Desembarcamos nosso pertences e nos instalamos em uma casa à entrada da aldeia, fartamente coberta com folhas de caraná e, ao contrário da tradição Yuhupdeh, protegida por paredes¹⁰. Em

⁸ Ver Apêndice, *Foto 7*.

⁹ Ver Apêndice, *Foto 6*.

¹⁰ Ver Apêndice, *Foto 8*.

pouco tempo se fez noite, e então os homens se reuniram para a típica roda de ipadu, um pó verde-musgo feito à base de folha de coca que se coloca no canto da bochecha para tornar as conversas mais animadas. Um elemento tradicional daquela cultura, o ipadu, devido a suas propriedades estimulantes, e conforme se acredita, torna o pensamento mais aguçado e favorece a capacidade de lembrar das “histórias de antigamente” (narrativas míticas). O pó também é usado em benzimentos xamânicos e, segundo a cosmogonia Yuhupdeh, foi o alimento primordial que permitiu ao demiurgo produzir pensamentos e criar todas as coisas. Após cerca de duas horas entre conversas em línguas alternadas (português, Yuhup, Hup, Tukano), muitas risadas, ipadu e cigarro, os homens se despediram e foram se deitar.



Figura 2. Januário preparando ipadu. Comunidade São Martinho, igarapé Cunuri. Foto por: Dacyo Cavalcante Fernandes, 2015.

Os primeiros dias na aldeia foram dedicados à familiarização com o ambiente, a língua e o povo, a fim de superar o choque diante da nova cultura e estabelecer as possibilidades de diálogo necessárias para nossa convivência e produtividade junto aos Yuhupdeh.

Esse primeiro período em São Martinho, que antecedeu a realização das oficinas do PGTA, teve duração de 9 dias, no decorrer dos quais nos dedicamos à realização do trabalho fonético com o Yuhup. Para tanto, além dos procedimentos técnicos empregados, conforme se explicará oportunamente, foi indispensável a progressiva adesão a seus costumes, contemplando nossa participação em suas rotinas, refeições, conversas e festividades, segundo o que minha desenvoltura permitia e a comunidade autorizava. Esse envolvimento foi essencial para construir nosso espaço como linguista, isto é, constituir uma relação de cumplicidade com o povo, conquistar o acesso a sua cultura e língua e validar a legitimidade de nossa atuação.

Na manhã de 19 de outubro, partimos para a comunidade de São Felipe, na qual ocorreriam as discussões do PGTA e a oficina de políticas linguísticas. O breve deslocamento transcorreu sem percalços, e logo aportamos na aldeia vizinha.



Figura 3. Chegada na comunidade São Felipe, igarapé Cunuri. Foto por: Dacyo Cavalcante Fernandes, 2015.

Éramos dezenas de pessoas nos aproximando em avanço coordenado pelas águas escuras do Cunuri, como se fosse o assalto de uma horda inimiga reclamando o território, quando na verdade se tratava de um encontro entre irmãos. Fomos recebidos com a cordialidade usual aos Yuhupdeh e

nos instalamos todos em uma grande casa sem paredes¹¹, constituída por uma larga cobertura de folhas de caraná sustentada por toras de madeira e vigas em que se amarravam redes e varais. De noite, após a acomodação dos recém-chegados e a merenda coletiva, fizemos a programação das atividades que teriam início na manhã seguinte. A oficina de políticas linguísticas, planejada para 5 dias, haveria de ocorrer no período vespertino. O turno da tarde havia sido reservado para o mapeamento dos territórios sagrados do povo, a cargo de Henrique.

A fim de extrair o máximo proveito do trabalho com a língua, caberia empregar o horário da tarde para a continuidade da pesquisa fonética. No entanto, como os dois primeiros informantes, envolvidos com as atividades e festividades que teriam lugar em São Felipe, não poderiam nos assistir nas sessões de coleta, foi preciso encontrar um novo falante que tivesse disponibilidade para nos acompanhar e proficiência na língua portuguesa. Logramos o auxílio de Seo Américo¹², o professor da aldeia São Domingos, que se reuniria conosco a partir do segundo dia da oficina.

Os dias em São Felipe passaram rapidamente, movimentados pelo grande número de pessoas que participavam das oficinas, preparavam as refeições e organizavam as festas, as quais diariamente sucediam as discussões do PGTA e encerravam os trabalhos, entrando pela noite adentro. O contínuo contato com a língua tornava nossa atuação mais produtiva, tanto no que diz respeito à regência da oficina, explicada a contento na subseção seguinte, quanto no que se refere à coleta dos dados lexicais, atividades que se dividiam no tempo, mas se somavam na construção de nosso conhecimento linguístico.

Dia 24 de outubro foi nosso último em São Felipe. Após breves reuniões no período da manhã, que renderam menos que o usual em função do cansaço dos adultos e dispersão das crianças, todos se recolheram para se recompor dos consecutivos dias de discussões e noites de festas. Tudo permaneceu assim lânguido e vagaroso até o início da tarde, quando os visitantes subitamente se levantaram e começaram com grande alvoroço a recolher seus pertences para o retorno. O tempo naquela região parece operar de outro modo. O ritmo das atividades tem avanços e retardos que fogem aos padrões da sociedade branca, alternando entre a lentidão mais indolente e a agilidade mais maquinal de forma abrupta, sem um gradiente de aceleração. A distribuição do trabalho ao longo do dia, por exemplo, não se assemelha à ocidental. O dia para os Yuhupdeh, segundo o que o próprio povo nos explicou, começa ainda de madrugada, entre as duas e as três da manhã, quando os homens acordam para recolher a malha de pesca ou caçar algum animal na beira do rio. As mulheres se levantam no mesmo horário para preparar a carne dos animais ou fazer mingaus e beijus. Quando o sol já domina o céu, eles se dividem novamente entre a roça e a caça, e

¹¹ Ver Apêndice, fotos 11 e 12.

¹² As fotos dos informantes estão no apêndice, com exceção de Moisés, cuja foto se encontra na página 33.

aos poucos vão retornando à comunidade com uma cadência um pouco mais pausada. Em casa há mais trabalho, mas também há descanso, conversa, sono, de modo que a velocidade oscila continuamente. Assim, de acordo com essa dinâmica peculiar e seguindo a iniciativa de nossos companheiros, organizamos diligentemente nossos materiais e empreendemos o caminho de volta.

Assim como o percurso da ida, o do retorno não apresentou problemas, exceto pela perda de uma das rabetas, que afundou em decorrência de um tronco oculto sob a superfície turva do igarapé. Chegamos a São Martinho na tarde do dia 24, e ali permanecemos por mais dois dias até nosso regresso a São Gabriel da Cachoeira.

1.1.3 Oficina de políticas linguísticas

O início efetivo da oficina se deu no dia 20 de outubro. As reuniões eram realizadas em uma *palhoça* (como são ali designadas as construções, abertas como quiosques, destinadas a eventos coletivos), onde se reuniam, de maneira bastante informal, conforme os costumes Yuhupdeh, adultos e crianças interessados no tema em questão.



Figura 4. Palhoça utilizada para o PGTA. Aldeia São Felipe, igarapé Cunuri. Foto por: Dacyo Cavalcante Fernandes, 2015.

As atividades ocupavam o período da manhã e da tarde, delimitadas pelos horários das refeições coletivas, que eram oferecidas sob a mesma *palhoça*. A oficina de políticas linguísticas começava depois do desjejum e seguia até a hora do almoço. Após uma breve pausa, tinha início a reunião do PGTA, que durava até o horário do lanche, ao cair da tarde. Sempre muito democráticas, as discussões do PGTA contavam com a adesão sobretudo dos velhos, conhecedores mais experientes das histórias ancestrais do povo, para realizar o mapeamento dos territórios sagrados dos Yuhupdeh.



Figura 5. Henrique e os Yuhupdeh em reunião do PGTA. Aldeia São Felipe, igarapé Cunuri.

Foto por: Dacyo Cavalcante Fernandes, 2015.

O conteúdo da oficina de políticas linguísticas, a nosso cargo, fora planejado para promover a participação dos Yuhupdeh por meio de discussões e deliberações coletivas abordando aspectos da língua que eles mesmos haveriam de indicar, bem como pelo seu envolvimento em atividades como a elaboração de pequenas listas de palavras, a fim de amadurecer reflexões metalinguísticas importantes para se pensar a ortografia em uso.



Figura 6. Yuhupdeh realizando lista de palavras na oficina de políticas linguísticas. Aldeia São Felipe, igarapé Cunuri.

Foto por: Dacyo Cavalcante Fernandes, 2015.

O debate sobre as características do Yuhup deveria contemplar a identificação dos sons que fazem parte da língua, o que nos levou a apresentar breves conceitos sobre articulação da fala. Esse foi o tema do primeiro dia da oficina, o qual julgamos relevante diante das futuras discussões sobre escrita, ortografia e políticas linguísticas que compunham o programa.

O segundo dia principiou com um imprevisto. O gerador que utilizávamos para reproduzir o conteúdo multimídia preparado demonstrou problemas de funcionamento, de forma que a exposição pôde contar apenas com os recursos tradicionais, o que todavia não representou problemas para a sequência do programa. Partindo das discussões sobre a fala, abordamos o tema linguístico da variação e mudança, que se manifesta nas mais distintas línguas em função de pressões sociolinguísticas e de transformações a que estão submetidas as culturas e falantes.

No terceiro dia, ampliamos as reflexões sobre variação e mudança, com o intuito de identificar distinções no uso da língua entre falantes de comunidades diferentes, conforme o público que compunha o grupo. Adicionalmente, introduzimos o tema da escrita como forma de preparar as reflexões sobre ortografia.

No quarto dia, apresentamos as diferenças entre escrita e ortografia, e exploramos algumas dúvidas e insatisfações do povo em relação à ortografia utilizada. A recepção dos Yuhupdeh a

reformas ortográficas era bastante heterogênea, havendo desde os mais conservadores, que defendiam a manutenção da proposta em uso, até os entusiastas pela mudança, que desejavam adaptações na escrita para acomodar o registro da língua às suas maneiras particulares de fala. Cumpre destacar que a participação dos Yuhupdeh é que definia o desenrolar das discussões, de maneira que apenas conduzíamos o debate a fim de suscitar as reflexões e deliberações dos próprios Yuhupdeh e lhes garantir o protagonismo no processo.

O dia final da oficina foi dedicado a debater as funções sociais e políticas da língua e da escrita. Assim, discutimos a relevância da escrita como tecnologia de registro histórico e o papel da língua como recurso de afirmação identitária, espaço de luta ideológica e resistência étnica. Importante frisar que esses conceitos não foram explorados como um exercício de abstração teórica, e sim a partir das situações pragmáticas de uso da língua e dos contextos das relações interétnicas dos Yuhupdeh.

A oficina revelou que os principais dissensos sobre a ortografia dizem respeito a dois aspectos: a ocorrência de variação; e a marcação de tom por meio de diacríticos.

No primeiro caso, a variação discutida correspondia à alternância segmental entre [r] e [t], em palavras como [buj'tək] e [buj'rək] ('orelha'). A interpretação fonológica do processo (tratada adiante) escapava às pretensões da oficina, de modo que buscamos direcionar o debate para as situações de uso da língua.

Nesse sentido, nossa primeira medida foi desconstruir a noção de erro, alegando que formas alternativas de pronúncia podem coexistir sem que haja qualquer fator linguístico para privilegiar uma variante em detrimento das outras, já que todas são válidas e funcionais dentro do sistema. Ainda assim, esclarecemos que seria necessário eleger uma variante padrão para ser representada na ortografia, o que demandaria uma deliberação coletiva. No entanto, como havia outros casos de variação, embora não discutidos ali, e o consenso requereria a participação de representantes das outras comunidades, não seria possível encerrar naquela reunião o assunto, que deveria ser aprofundado em debates futuros.

Em relação ao uso de diacríticos para marcar o tom, nosso incipiente contato com a língua e a variedade dos casos inviabilizavam uma investigação apropriada. O que pudemos notar, nesse caso, é que a consciência dos Yuhupdeh acerca de seu papel decisório nas deliberações ortográficas acirrava os debates, e a existência de fenômenos complexos como a tonalidade dividia as opiniões e criava uma sensação de desentendimento. Disso decorria uma insegurança geral acerca da utilização dos diacríticos, que eram defendidos por alguns e rejeitados por outros. Diante do impasse, nossa

contribuição consistiu em discutir as vantagens e desvantagens do emprego dos sinais gráficos, apresentando o princípio da economia linguística e debatendo sobre as possibilidades de omitir os diacríticos nas situações em que sua ausência não acarretasse problemas como ambiguidade. Embora nosso propósito não fosse solucionar a questão, o diálogo aliviou as tensões e levou os falantes a abordar o assunto por novas perspectivas, com o intuito de amadurecer suas reflexões e decisões sobre a ortografia da língua.

Os Yuhupdeh demonstram grande orgulho por contar com uma ortografia própria e amparar o trabalho de pesquisadores como antropólogos e linguistas, deixando mostras patentes de sua satisfação diante de iniciativas como a oficina de políticas linguísticas e o PGTA. A realização do evento se revelou amplamente produtiva, tanto para o povo, que participou ativamente dos debates e se mostrou engajado nas ações para a preservação de suas tradições, quanto para a pesquisa acadêmico-científica, que pode se valer de mais dados sobre a língua e a cultura dos Yuhupdeh.

1.2 Aspectos teórico-metodológicos

1.2.1 Coleta dos dados

Os procedimentos de coleta foram baseados nos métodos da fonêmica propostos por Pike (1971). Como se tratava do primeiro contato com o povo, nossa abordagem se concentrou essencialmente no levantamento de léxico e enunciados básicos na língua. Para isso, empregamos três questionários de coleta: o vocabulário padrão do Museu Nacional; a lista do Swadesh; e um questionário de autoria do linguista Henri Ramirez. Para ter acesso aos dados na língua, contamos com o auxílio de três informantes, que vertiam para o Yuhup as expressões elicitadas em português.

Os dois primeiros falantes nativos com que trabalhamos foram Moisés Araújo Fernandes, de 30 anos, e Samuel Araújo Fernandes, de 40. Moisés, o professor da comunidade de São Martinho, é responsável pelas aulas de alfabetização na língua nativa e língua portuguesa, realizadas em uma construção que desempenha o papel de sala escolar, marcada pela simplicidade e por imagens cristãs herdadas de missionários. Em virtude de seu domínio da língua portuguesa, resultante do magistério cursado em Manaus, Moisés foi o primeiro informante nomeado pela comunidade. Samuel, irmão mais velho e com grau de bilinguismo igualmente avançado (também fizera curso de magistério na capital amazonense), foi designado para dividir com ele o ônus do trabalho, de modo que os dois se revezavam como informantes em dias alternados. Ambos são filhos do benzedor da aldeia, Seo Laureano, um índio com mais de 70 anos de idade e notável conhecimento das tradições do povo, responsável pelos rituais de cura e proteção efetuados na comunidade.

O trabalho de coleta teve início no dia 13 de outubro de 2015, após nossa incipiente familiarização com os costumes e a língua. Moisés, o primeiro informante, nos recebeu na própria escola após a aula de alfabetização, e nos assistiu em uma entrevista que durou cerca de duas horas. Os termos elicitados em português eram vertidos para a língua, repetidos e somente então transcritos em escrita fonética conforme o alfabeto do IPA, enquanto um gravador digital fazia o registro sonoro da entrevista. Finda a sessão, fizemos mais algumas anotações sobre dúvidas e hipóteses preliminares, consultamos fontes bibliográficas e ouvimos o áudio gravado para complementar nossas reflexões. No dia seguinte, Samuel deu continuidade ao trabalho, que sucedeu com informantes alternados até o dia 18, véspera da viagem para a oficina de políticas linguísticas.

Durante o período das reuniões do PGTA, fomos auxiliados por um terceiro informante, de nome Américo, que substituiria temporariamente os dois primeiros, indisponíveis para o trabalho fonético ao longo do evento. Com 50 anos de idade, Seo Américo, como é conhecido, é o professor da aldeia São Domingos, além de presidente da AECIPY (Associação das Escolas e Comunidades Indígenas do Povo Yuhupdeh), uma organização formada por representantes das diferentes comunidades com o intuito de estabelecer decisões sobre a língua. Seo Américo nos assistiria em sessões de duas horas durante três dias, a partir do segundo dia da oficina.

Após o retorno para São Martinho, ainda contaria com duas sessões de coleta, ambas realizadas com o auxílio de Samuel, que se tornara nosso informante mais participativo.



Figura 7. Samuel na aldeia São Martinho, igarapé Cunuri. Foto por: Henrique Junio Felipe, 2015.

O *corpus* que compusemos a partir desse trabalho constitui pouco mais de 200 itens lexicais e 100 sentenças simples. Os dados gravados digitalmente foram examinados por meio do *software Praat* (www.praat.org/), que nos permitiu decompor o contínuo sonoro dos enunciados e, dessa forma, explorar a segmentação das palavras, sílabas e fones, além de examinar aspectos como duração, intensidade, variação melódica, espectro dos formantes e outras propriedades fonéticas. Para favorecer a transparência e o cotejo dos termos, elaboramos um banco de dados por meio do *software Microsoft Excel* versão 2010, ativando o recurso dos filtros para otimizar a consulta. Com isso, julgamos mais produtiva a tarefa de identificação de pares suspeitos e inventariação dos fonemas da língua, apresentados oportunamente.

Embora nossa estada na região tenha compreendido o intervalo de um mês, incluindo a chegada na cidade, deslocamento até as aldeias e retorno, o efetivo trabalho de coleta teve duração total de 11 dias, considerando as sessões realizadas em São Martinho e São Felipe. No decorrer desse período, além dos procedimentos técnicos do ponto de vista estritamente linguístico, tivemos o cuidado de empregar uma constante e cuidadosa observação das relações entre os sujeitos naquele espaço particular, o que nos permitiu maior sensibilidade diante das características identitárias e linguísticas do povo. Progressivamente, essa forma de interação nos revelava as nuances da cultura, expunha novas formas de ser, estar e operar no mundo, e descortinava, via pragmática, a realidade daquela língua pouco conhecida fora do seu ambiente. Assim, além das primeiras hipóteses e conclusões que encontramos a partir desse contato inicial com a língua, o trabalho de campo nos permitiu efetuar um deslocamento para perceber o mundo segundo outra perspectiva e encaixar nesse novo *ethos* um sistema linguístico outro, capaz de descrever um universo sociocultural diferente, movido por um tempo diferente, situado em um espaço diferente e ocupado por sujeitos diferentes.

Conquanto as condições de trabalho não tenham sido ideais, como aliás nunca são, devido sobretudo ao pouco tempo de convívio com o povo, o material coletado e as análises preliminares que pudemos realizar atestam o saldo positivo da experiência.

1.2.2 Posicionamento teórico-metodológico

Não raro se levantam controvérsias a respeito do *status* de maior ou menor cientificidade referente aos diferentes alinhamentos e posturas teórico-metodológicas. Historicamente, o surgimento de novas propostas esteve comumente atrelado ao desencadeamento de tensões diante dos modelos então em voga, de forma que o relativo prestígio de uma corrente implicava o empalidecimento de outras. De acordo com Seki:

Nos anos setenta houve a penetração do gerativismo, o novo detentor do estatuto de cientificidade, em oposição a outras orientações teóricas, às quais foi negado o caráter de “teorias de vanguarda”, concomitantemente com a rejeição dos resultados anteriormente obtidos. Isto coincidiu com o momento em que pesquisadores brasileiros passaram a atuar de maneira mais acentuada no estudo de nossas línguas indígenas, e a tendência geral de rejeição do estruturalismo (e outras abordagens indistintamente assim consideradas) foi, na área de Línguas Indígenas, reforçada pela associação do modelo ao trabalho dos membros do SIL¹³ (SEKI, 1999: 269-270).

Adiante, a autora continua:

Entretanto, a partir dos anos 80 e, principalmente, nos anos 90 o funcionalismo (orientado para os fenômenos lingüísticos) e a abordagem tipológica passaram a ganhar espaço no trabalho com línguas indígenas, inicialmente na Unicamp, e posteriormente, também no Museu Goeldi, e houve um incremento de descrições baseadas nessas linhas. De fato, houve um certo refluxo do entusiasmo pelo gerativismo mesmo na lingüística do Português, depois dos êxitos do projeto “Gramática do Português Falado”. No caso das línguas indígenas, a mudança em parte foi propiciada pelo crescente envolvimento dos lingüistas com as comunidades indígenas e sua problemática, em particular as necessidades educacionais, o que levanta a necessidade de tratar questões que escapam às preocupações gerativistas, notadamente questões de natureza pragmática (SEKI, *op. cit.*: 270-271).

Muitos trabalhos atuais no campo das línguas indígenas ainda reproduzem esse tipo de antagonismo, ignorando o fato de que a polarização entre as correntes teóricas tem sido salutar e progressivamente substituída pelo emprego complementar de diferentes abordagens diante de distintos fenômenos ou processos sob investigação:

Embora as diferenças apareçam em geral sob a forma de oposição entre enfoque estruturalista Vs. gerativista, ou funcionalista Vs. gerativista, na realidade elas se referem não tanto aos modelos em si, mas antes às perspectivas teóricas fundamentais que, conforme Nichols & Woodbury (1985:1-2), se distinguem na Lingüística Moderna e que não se reduzem à classificação usual de modelos teóricos: uma (com suas origens na Lingüística Descritiva) indutiva, comparativa, orientada para os fenômenos lingüísticos (*phenomenon-oriented*), e a outra orientada para o modelo (*model-oriented*), voltada antes de tudo para o desenvolvimento de um modelo explanatório integrado, centrando os interesses nos construtos internos à teoria. Essas perspectivas de fato não são antagônicas, mas complementares, o que via de regra não é bem compreendido (*id. ibid.*: 270).

Alinhada a tal perspectiva, nossa pesquisa lança mão do instrumental analítico de diferentes modelos fonológicos para investigar diferentes aspectos da língua Yuhup, de modo a se prevalecer

¹³ SIL (Summer Institute of Linguistics) é uma organização de caráter cristão e evangélico que tem como objetivo precípua a tradução do Novo Testamento para línguas ágrafas, notadamente as línguas indígenas. Criada na década de 1930, expandiu-se pela América Latina e realizou missões junto a diferentes povos nativos do território brasileiro.

das contribuições de cada proposta. Com isso, defendemos que nosso procedimento não falseia a pureza teórica dos modelos fonológicos utilizados, mas, ao contrário, favorece seu poder explicativo ao aplicar distintas óticas para distintos fenômenos, uma vez que, de acordo com Cagliari, cada modelo de análise ilumina certos aspectos da língua, mas esconde outros (CAGLIARI, 1997: 7).

Assim, a identificação do inventário fonético e fonológico da língua Yuhup se baseia nos procedimentos do estruturalismo norte-americano, também conhecido como fonêmica, que busca segmentar a cadeia da fala em unidades mínimas e, dessa forma, identificar os fonemas da língua. Cumpre lembrar que a fonêmica de Pike (1971) não consiste em uma teoria, e sim em mecanismos de descoberta, que partem da descrição dos sons da língua para a progressiva interpretação do seu sistema fonológico. A análise da estrutura silábica, por sua vez, é fundamentada nas teorias não lineares, que consideram a sílaba como uma unidade fonológica formada por constituintes internos organizados por meio de relações de hierarquia. O estudo do acento, a seu turno, segue a teoria métrica de Hayes (1995), que entende o acento como uma propriedade da sílaba e propõe a existência de níveis acima da palavra. Ressaltamos que a abordagem fonêmica e as linhas teóricas empregadas serão apresentadas a contento em suas respectivas seções.

2 OS YUHUPDEH E A FAMÍLIA NADAHUP

A pesquisa de recenseamento mais recente efetuada no nosso país, no ano de 2010, permitiu aprofundar os dados sobre os povos indígenas que vivem em território brasileiro. O levantamento efetuado pelo IBGE contabilizou 896,9 mil indígenas residentes no Brasil, distribuídos entre 305 etnias e falantes de 274 línguas. Embora tal inventário não seja descrito com a estratificação e precisão ideal¹⁴, esse dado linguístico expressivo, superior às estimativas anteriores, faz do nosso país um espaço privilegiado de diversidade sociocultural, que abriga vastas áreas geográficas com notável variedade linguística e étnica. Esse é o caso da bacia do Rio Negro, cuja abrangência ultrapassa os limites territoriais de nosso país.

Situada na porção Noroeste da Amazônia, a bacia do Rio Negro é uma região de extraordinária biodiversidade e riqueza multiétnica. Caracterizada por suas águas de coloração escura, decorrente da elevada concentração de substâncias orgânicas e dos baixos níveis de pH, é a maior bacia de águas pretas do mundo, com uma área total de 71 milhões de hectares, que se estende pelo território de quatro países: Brasil, Colômbia, Guiana e Venezuela. As águas ricas em material orgânico e os solos férteis da região fizeram florescer numerosas culturas indígenas, que se relacionam por meio de diferentes *ethé* e famílias linguísticas:

A bacia do Rio Negro abriga 45 povos indígenas, além de ribeirinhos, quilombolas e população urbana, constituindo uma região com significativa diversidade sociocultural. Os povos indígenas habitam a região há milênios, produzindo um conhecimento minucioso de seus territórios e desenvolvendo formas eficientes e elaboradas de manejo ambiental.

No lavrado de Roraima e da Guiana habitam povos dos troncos linguísticos Karib e Aruak; nas florestas e terras mais altas está o povo Yanomami, etnia de contato recente e com grupos ainda isolados. Do médio Rio Negro até as cabeceiras do Uaupés, Papuri, Tiquié e Içana, incluindo regiões da Colômbia, vivem povos Tukano Orientais, Aruak e Maku que compõem um extenso sistema social (RRN, 2015: 2).

É no interior desse espaço de singular exuberância socioambiental que estão localizadas populações Yuhupdeh.

¹⁴ Aceitos com variáveis ressalvas em alguns meios, esses números, referentes sobretudo às distintas etnias e línguas ainda faladas, devem ser atualizados e confirmados por meio de pesquisas realizadas por antropólogos e linguistas. No que pese a relevância dessa tarefa, o decreto presidencial de 2010, que instaurava o inventário da Diversidade Linguística Brasileira, recebeu poucos estímulos para sua concretização. De uma perspectiva rigorosamente científica, a real diversidade linguística e étnica de nosso país não é conhecida com precisão. Sabe-se com segurança, porém, que a população indígena contou com expressivo aumento em alguns pontos do país, dadas as melhorias no atendimento a sua saúde, embora a prestação desse serviço ainda conte com deficiências.

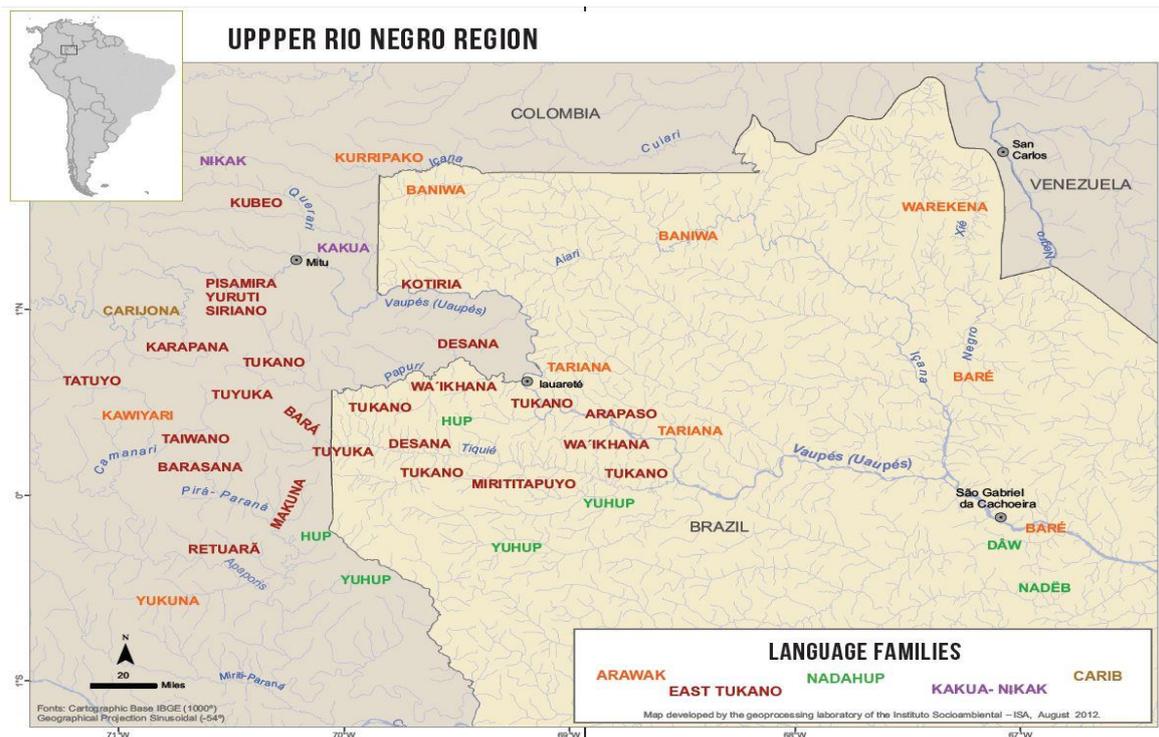
2.1 Demografia e localização

O território dos Yuhupdeh abrange uma região de fronteira entre o Brasil e a Colômbia, estendendo-se entre as áreas dos rios Tiquié e Apaporis. Sua população é estimada em cerca de 1.000 indivíduos, dos quais aproximadamente 75% vivem em território brasileiro. Segundo Lolli:

Os fatos de tal população estar distribuída por uma vasta área geográfica em zonas interfluviais, muitas delas de difícil acesso, e apresentar um alto padrão de mobilidade impedem que se possa realizar uma estimativa global da dinâmica populacional. Com isso, não é possível estipular taxas confiáveis de natalidade, de mortalidade, de crescimento, de casamento interétnico para a população Yuhupdeh. Contudo se levarmos em conta estudos realizados na década de 1980 e 1990 (Pozzobon) e os compararmos com os mais recentes é possível inferir que há uma tendência de crescimento populacional (LOLLI, 2014).

Em terras brasileiras, os Yuhupdeh ocupam uma área conhecida como “cabeça do cachorro”, localizada na região do Alto e Médio Rio Negro, como ilustrado no *Mapa 2*. De acordo com Lolli:

Essa região, no território brasileiro, faz parte do município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas, é formada por cinco terras indígenas homologadas em 1998. A área de abrangência desse território alcança 106 mil km², por onde se encontram distribuídos vinte e um povos indígenas, ordenados em três famílias lingüísticas – Tukano oriental, Maku e Aruak (LOLLI, 2010: 11).



Mapa 2. Região do Alto Rio Negro [vulgo ‘Cabeça do Cachorro’]. Fonte: EPPS, P.; STENZEL, K. (2013, p. 4).

O autor afirma que as comunidades Yuhupdeh, localizadas ao longo da fronteira entre Brasil e Colômbia, são distribuídas em 7 áreas:

- A primeira localiza-se na região do Apapóris, entre a foz do igarapé Ugá e as corredeiras de La Libertad e Sucre [...].
- A segunda na região entre os igarapés Jotabeyá, Alsacia – afluentes do rio Apapóris – e os igarapés Umuña e Toacá – afluentes do rio Pirá-Paraná [...].
- A terceira na região da desembocadura da foz do rio Apaporis no rio Caquetá [...].
- A quarta na região do rio Traíra, próximo a foz do rio Apapóris [...].
- A quinta área se localiza na região entre o igarapé Castanha e o igarapé Cucura, que desaguam no médio rio Tiquié [...].
- A sexta na região da desembocadura da foz do igarapé Samaúma no rio Tiquié [...].
- A sétima na região entre o igarapé Ira e o igarapé Cunuri, que desaguam na parte do baixo rio Tiquié [...]. (LOLLI, 2014).

As aldeias São Martinho e São Felipe, nas quais realizamos nosso trabalho de campo, estão localizadas no igarapé Cunuri, região da TI Alto Rio Negro, ocupada por 31 etnias diferentes, como se pode ver na *Tabela 1*.

O mosaico multiétnico típico da região configura uma complexa teia social, colocando em contato culturas com características bastante contrastantes, incluindo desde povos ribeirinhos de tradição agricultora e sedentarizada até populações seminômades com economia centrada na coleta e na caça. Essa intrincada rede interétnica é marcada por sistemas de hierarquia que regulam as relações entre os diferentes povos, influenciando as trocas de bens e serviços, laços matrimoniais e outros aspectos sociais, explicados na subseção seguinte.

Ainda assim, apesar das inequívocas peculiaridades que distinguem as variadas culturas indígenas, para aquém e além das fronteiras do nosso país, a importância que tais povos conferem a seu entorno ambiental e sua relação holística com o espaço circundante parecem ser pontos de convergência, apresentando-se de formas correlatas em diversas populações ao redor do mundo. De acordo com Kipuri:

[...] land is not only the basis of the indigenous economy. Indigenous peoples also have a deep spiritual relationship with the land; they feel at one with their ancestral territory and feel responsible for the healthy maintenance of the land [...] for both themselves and future generations. Land is where their ancestors are buried and where sacred places are visited and revered.

Very often, people identify themselves by taking the name of the place to which they belong. In Maasailand, for example, sub-groups are named after their particular area of origin. Thus the IIKaputiei are from Kaputiei, Ilpurko are from Purko, IIMatapato are from Matapato, etc. Hence, the place is also the people. In this way, the notion of “pertaining to the land” is embedded in indigenous peoples’ cultural identities¹⁵ (KIPURI, 2010: 53).

¹⁵ “[...] a terra não é apenas a base da economia indígena. Os povos indígenas também têm um profundo relacionamento espiritual com a terra; Sentem-se unidos com o seu território ancestral e sentem-se responsáveis pela manutenção

Etnias	Família linguística
Arapaso	
Bará	
Barasana	
Desana	
Karapanã	
Kociria (Wanana ou Uanano)	
Kubeo	
Lecuana	
Makuna	
Miriti-tapuya	Tukano Oriental
Pira-tapuya	
Pisa-mira	
Siriano	
Taiwano (Eduria)	
Tanimuka	
Tatuyo	
Tukano	
Tuyuka	
Yuriti	
Baniwa	
Baré	
Kuripako	Aruak
Tariana	
Werekena	
Daw	
Hupda	
Nadöb	
Yuhupde	Maku
Nukak	
Kakwa	
Yanomami	Yanomami

Tabela 1. Povos Indígenas do médio e alto Rio Negro. Fonte: CGEE. (2014, p. 40).

saudável da terra [...] para si e para as gerações futuras. A terra é onde seus antepassados estão enterrados e onde lugares sagrados são visitados e reverenciados. Frequentemente, as pessoas se identificam tomando o nome do lugar a que pertencem. Em Maasailand, por exemplo, os subgrupos são nomeados em base em sua área de origem particular. Assim, o IlKaputiei são de Kaputiei, Ilpurko são de Purko, IlMatapato são de Matapato, etc. Portanto, o lugar é também o povo. Dessa forma, a noção de ‘pertencer à terra’ está inserida nas identidades culturais dos povos indígenas’ (tradução nossa).

Com os povos amazônicos não é diferente. A relação que tais culturas (sejam as coletoras ou agricultoras, seminômades ou sedentárias, de baixa ou alta hierarquia) estabelecem com o ambiente ultrapassa a dependência econômica, assumindo a forma de uma ligação transcendente com o espaço que os envolve:

Os povos indígenas da bacia do Rio Negro possuem uma relação muito especial com as paisagens e o território em que vivem. Além de sua importância prática como fonte de recursos, as paisagens possuem também um importante valor cultural e espiritual, e são elementos centrais no complexo sistema cosmológico que caracteriza a visão de mundo das populações indígenas.

Diversas cachoeiras, pedrais, estirões, serras, cavernas, praias e outras formações que compõem as paisagens são, para os povos indígenas, importantes reservatórios de energia vital responsáveis pelo equilíbrio dos ecossistemas e pela vida de humanos e não-humanos [...].

Esta cosmovisão, essencialmente ecológica, constitui a base não só dos conhecimentos e práticas tradicionais de manejo de recursos, mas também de uma ética que orienta a relação que estes povos estabelecem com as paisagens e com a multiplicidade de seres que povoam os rios e florestas da região (RRN, 2015: 2).

Assim, constituindo suas identidades a partir da sua relação com o espaço, e vice-versa, os Yuhupdeh assumem formas particulares de ser e operar no mundo, como se demonstra em seguida.

2.2 O povo Yuhupdeh

No seio dessa miríade de culturas e línguas em contato que caracteriza a região amazônica surge o povo Yuhupdeh, falante da língua Yuhup. Segundo Silva & Silva:

Na literatura linguística e etnológica, eles têm sido chamados de Yahup, Yohup, Yihup, Yuhup, Juhup, Yuhub-de, Yuhupda, Yuhupdã, Yuhupde e, mais frequentemente, Yuhup. Convencionamos chamá-los de Yuhupdeh (Silva & Silva, 2007c, p.2) atendendo à escolha dos mesmos. Quando da publicação do primeiro material didático em sua língua (Silva & Silva, 2007b), reunimos líderes e representantes de comunidades, colocamos em quadro negro as formas acima referidas e pedimos que eles próprios escolhessem. Concluíram que todas essas formas eram inexatas e que a forma correta seria Yuhupdeh (*yuhup* “pessoa, gente” + *deh* coletivizador = pessoas, povo), termo usado no dia-a-dia para identificar todos aqueles que pertencem à etnia. Temos, porém, tratado o povo com a palavra coletivizada e a língua com a palavra no singular. Portanto, fala-se povo Yuhupdeh e língua Yuhup (SILVA & SILVA, 2012: 53, grifos dos autores).

Além da utilização de diferentes etnônimos, os Yuhupdeh também são comumente referidos pelo termo *Maku*, uma expressão depreciativa que designa um grupo de etnias caracterizadas por

aspectos culturais semelhantes e pelo uso de línguas aparentadas geneticamente. De acordo com Pozzobon, o termo *Maku* trata-se de:

[...] palavra de origem Arawak que comporta uma série de significados pejorativos, tais como “gente inferior”, “servo”, “escravo”, “selvagem”, “gente estragada” ou “gente que não possui linguagem” [...]. Os Tukano também os chamam de peoná, “donos do caminho”, alusão ao fato de que os Maku não viajam de canoa, como todos os outros índios da região, mas a pé, pelos caminhos (POZZOBON, 2011: XL).

Segundo Lolli (2010: 13): “Muitos [...] a traduzem por ‘gente sem fala’”. A esse respeito, o autor esclarece:

Nesse sentido, ‘maku’ seria equivalente ao ‘bárbaro’ greco-romano e também ao ‘tapuia’ tupi: todos esses termos designam gente considerada como inferior, cuja característica mais notável é o não saber falar a língua de quem assim os designa, evidentemente. Note-se também a prevalência de uma oposição entre sedentários e nômades em todas essas classificações (*op. cit.*: 13).

Para Pozzobon: “Esses nomes pejorativos atestam o baixo status social dos Maku. Eles são as antipessoas do Noroeste Amazônico, o exemplo *by default* de como não ser [...]” (POZZOBON, 2011: XLII, grifos do autor). Essa reputação marcada por tensões e relações de assimetria deriva das características identitárias dos *Maku* (doravante Nadahup, conforme Epps (2005)), que contrastam em muitos aspectos com as características culturais das populações vizinhas. Ao passo que os outros povos vivem na beira dos rios de forma sedentarizada, possuem uma agricultura robusta e praticam a exogamia linguística, os Nadahup habitam no interior das florestas, têm hábitos seminômades, possuem uma economia baseada na caça e admitem a prática da endogamia linguística¹⁶. Segundo Pozzobon:

Os Maku aparecem como os outsiders da área: além de não viverem em malocas ou casas familiares, mas em precários tapiris afastados das margens dos rios, suas plantações são comparativamente pouco produtivas, seus grupos locais não são exogâmicos, seus casamentos não são patrilocais e a forma como praticam os ritos comuns aos outros povos da área é bastante empobrecida. A assimilação de apenas uma parte da cultura material da área se deve sem dúvida à economia de caça: a mobilidade exigida impede a construção de malocas ou casas elaboradas, assim como a abertura de extensas roças. Porém, a não assimilação completa dos rituais importantes da área cultural se deve à índole pouco protocolar da cultura Maku. De qualquer forma, essas características somadas ao seu caráter minoritário na área, lhes valerem, como vimos, a pecha de gente inferior, serviçal (*op. cit.*: 5).

¹⁶ Costume segundo o qual os falantes de uma mesma língua podem estabelecer laços matrimoniais entre si. Para muitos povos indígenas, a endogamia linguística é tida como incesto, uma vez que falantes da mesma língua são considerados irmãos. Nesses casos, o protocolo matrimonial que vigora é a exogamia linguística, que sanciona o casamento unicamente entre falantes nativos de línguas distintas.

Além disso, a narrativa da *Canoa da Transformação*, um dos mitos fundadores que é comum aos povos da região, estabelece uma hierarquia social e política que rege as interlocuções interétnicas naquele espaço. Segundo Lolli:

Essa narrativa conta a viagem da cobra-canoa que à medida que vai subindo o rio as pessoas que se encontram em seu interior vão se transformando até que se transformam nos primeiros ancestrais dos indígenas atuais (Tukano, Tuyuka, Desano, Maku, etc.). A ordem de aparecimento dos povos estabelece a posição de um determinado povo na hierarquia regional (LOLLI, 2010: 13).

Nesse esquema, os Nadahup ocupam o nível mais baixo da escala, o que justificaria sua relativa inferiorização nas relações com os demais povos. Para Ospina (2002), a distância social entre os Yuhupdeh e seus vizinhos é marcante. De acordo com a autora, os próprios Yuhupdeh se sentem diferentes dos outros povos da região, ou fazem sentir que são diferentes, valendo-se para tanto de estratégias no uso de sua língua:

Pour les Yuhup, leur langue est un signe d'identité ethnique. Dans la conception de la personne et de la société, le fait de parler la langue est fondamentale. Parler une langue incompréhensible pour le reste des habitants de la région permet de conserver une forte cohésion sociale interne, que renforcent l'identité et le sentiment d'appartenance ethnique¹⁷ (OSPINA, *op. cit.*: 70).

Dessa forma, os Yuhupdeh reservam sua fala nativa para uso apenas dos seus, inclusive promovendo sabotagens nas tentativas de aprendizado da língua por parte dos outros povos e fazendo crer que ela é extraordinariamente difícil de se falar. A esse comportamento de interditar o acesso a suas matrizes culturais, a fim de resguardar a identidade do povo e proteger seu *ethos*, a autora chama *estratégia de clandestinidade*.

A identidade dos Yuhupdeh é definida não apenas pela sua relação com a própria língua, mas também pela relação com a língua dos outros. Já foi dito que o multilinguismo é um atributo marcante da região, o qual surge a partir da prática da exogamia linguística (STENZEL, 2005: 5). Em linhas gerais, o que ocorre é que os falantes nativos de uma mesma língua, por serem considerados irmãos, não podem estabelecer laços matrimoniais entre si, o que configuraria incesto. Assim, a fim de não violar essa norma social, os indígenas devem se casar somente com falantes de línguas diferentes, do que deriva o multilinguismo.

¹⁷ 'Para os Yuhup, sua língua é um signo de identidade étnica. Na concepção da pessoa e da sociedade, o fato de falar a língua é fundamental. Falar uma língua incompreensível para o resto dos habitantes da região permite que se conserve uma forte coesão social interna, que reforça a identidade e o sentimento de pertencimento étnico' (tradução nossa)

Nas duas aldeias com que tivemos contato, quase todos os homens falam português e outras línguas da região, ao contrário das mulheres, cuja maior parte domina apenas línguas indígenas como o Yuhup, o Tukano e o Hup. O benzedor de São Martinho, conhecido como Seo Laureano, fala 7 línguas com variável desenvoltura, das quais 2 são línguas de branco (português e castelhano). Essa proficiência linguística, variavelmente comum aos Yuhupdeh, é essencial em função da mobilidade espacial do povo e da relação de troca de bens e serviços que estabelecem com outras populações.

Nesse sentido, é particularmente interessante observar a relação peculiar que os Yuhupdeh estabelecem com as diferentes línguas. Assim, se, por um lado, a partilha de línguas variadas constitui uma demanda social, por outro, a exclusividade da sua própria é um imperativo étnico. Ou seja, o acesso deles à língua do outro é necessário, mas o acesso do outro à língua deles é interdito. Com isso, os Yuhupdeh se reservam o direito de circular pela cultura dos outros povos, ditos ‘superiores’, mas os outros povos não podem se colocar na cultura Yuhupdeh. Até podem ouvir a língua, mas não podem participar da sua fala. Essa dicotomia revela a função central que a língua, enquanto sistema social, e a fala, enquanto uso pessoal desse código, desempenham para a cultura Yuhupdeh.

O ritual de proteção a um recém-nascido, por exemplo, é um procedimento que se concretiza no domínio do discurso, em que o xamã percorre em sua mente todos os locais sagrados da cosmogonia Yuhupdeh e, por meio de sentenças e fórmulas discursivas, entendidas como encantamentos, estabelece um pacto simbólico com os entes sobrenaturais e constrói o lugar no mundo para o novo indivíduo:

Le guérisseur parcourt, avec la parole et la pensée, le territoire et négocie avec les êtres surnaturels l’utilisation d’une ressource ou la vie d’un patient. La protection d’un nouveau né (utilisateur potentiel des lieux et des ressources) est assurée par des rituels de présentation aux êtres surnaturels¹⁸ (OSPINA, *op. cit.*: 25).

Por meio de sua relação com a língua e de suas características culturais, e a despeito da inferiorização diante de outros povos, os Yuhupdeh se encontram plenamente integrados ao sistema ecológico e social de que fazem parte, e desempenham papéis indispensáveis para a dinâmica daquele espaço.

¹⁸ ‘O curandeiro percorre, com a palavra e o pensamento, o território e negocia com os seres sobrenaturais a utilização de um recurso ou a vida de um paciente. A proteção de um recém-nascido (utilizador potencial dos lugares e dos recursos) é assegurada pelos rituais de apresentação aos seres sobrenaturais’ (tradução nossa).

2.3 A família linguística Nadahup

Ao lado dos Yuhupdeh, existem outros povos que ocupam a posição mais inferior no sistema social da região. Eles são caracterizados por habitar no interior das matas, pelo traço seminômade, a economia da caça e da coleta e a prática da endogamia linguística. Segundo Ospina:

Los pueblos nómades del noroeste amazónico son los Yuhup, los Nukak, los Kakua, los Hup, los Nadeb, y los Dâw, quienes viven en una amplia zona entre Colombia y Brasil, que tiene como límites el río Guaviare al norte, el río Negro al oriente, y el río Caquetá al sur¹⁹ (OSPINA, 2007: 192).

Além das características citadas, outro aspecto comum à cultura dessas populações são as línguas utilizadas, embora não exista consenso acadêmico acerca da relação genética entre elas, tampouco da designação da família linguística. Segundo a autora:

La familia lingüística a la que pertenecen las lenguas de los pueblos nómades ha sido llamada de varias maneras por los investigadores. A principios del siglo xx, Rivet & Tastevin (1920) propusieron que las lenguas habladas por todos los pueblos nómades y la del pueblo “puinave” pertenecían a una misma familia lingüística, que ellos llamaron Puinave²⁰ (*op. cit.*: 194).

Adiante, a autora complementa:

Landaburu (2000), en su clasificación de lenguas de Colombia, criticó la asociación *makú-puinave*, puesto que en la época no había suficientes datos para probarla, y discutió la problemática de reunir bajo una misma familia, lenguas de pueblos con tan grandes diferencias culturales. Sin embargo, mantuvo el nombre *Makú-puinave* para llamar a esta “cepa de proyección local” con tres lenguas habladas en Colombia: el *puinave*, el *hup* (que comprendería dos variedades: *hup* y *yuhup*) y el *kakua* (que comprendería también dos variedades: *kakua* y *nukak*). Henley, Mattei-Müller & Reid (1994/1996) también llaman *Makú-puinave* a la familia, pero proponen incluir la lengua *hodi* (hablada por el pueblo del mismo nombre, que habita en el Orinoco venezolano) [...].

Martins & Martins (1999), en el primer artículo moderno sobre la familia, la llaman *Makú*. Excluyen de ella al *puinave*, y no tienen en cuenta el *hodi*, pero incluyen el *kuyawi*, una lengua sobre la cual no existe descripción y de la cual encontraron hablantes en el río Negro²¹ (*op. cit.*: 195, grifos da autora).

¹⁹ ‘Os povos nômades do noroeste amazônico são os Yuhup, os Nukak, os Hup, os Nadeb e os Dâw, os quais vivem em uma ampla zona entre a Colômbia e o Brasil, que tem como limites o rio Guaviare ao norte, o rio Negro ao oeste e o rio Caquetá ao sul’ (tradução nossa).

²⁰ ‘A família linguística a que pertencem as línguas dos povos nômades tem sido chamada de várias maneiras pelos investidores. No princípio do século XX, Rivet & Tastevin (1920) propuseram que as línguas faladas por todos os povos nômades e a do povo “puinave” pertenciam a uma mesma família linguística, que eles chamaram Puinave’ (tradução nossa).

²¹ ‘Landaburu (2000), em sua classificação de línguas da Colômbia, criticou a associação *maku-puinave*, posto que na época não havia suficientes dados para prová-la, e discutiu a problemática de reunir sob uma mesma família línguas de

A proposta mais usada atualmente no âmbito acadêmico provém de Epps, em sua tese de doutoramento *A grammar of Hup* (2005), um estudo exaustivo que descreve a fonologia e a morfossintaxe da língua. Segundo a autora (*op. cit.*: 2), a família linguística compreende quatro línguas: Nadëb (Kuyawi), Dâw, Hup e Yuhup, em que as duas últimas estabelecem uma relação genética mais estreita, como se pode observar no seguinte esquema:

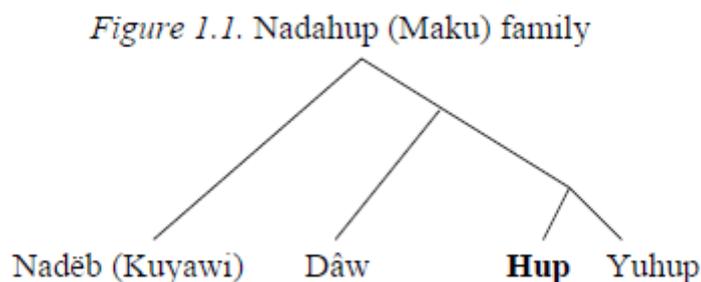
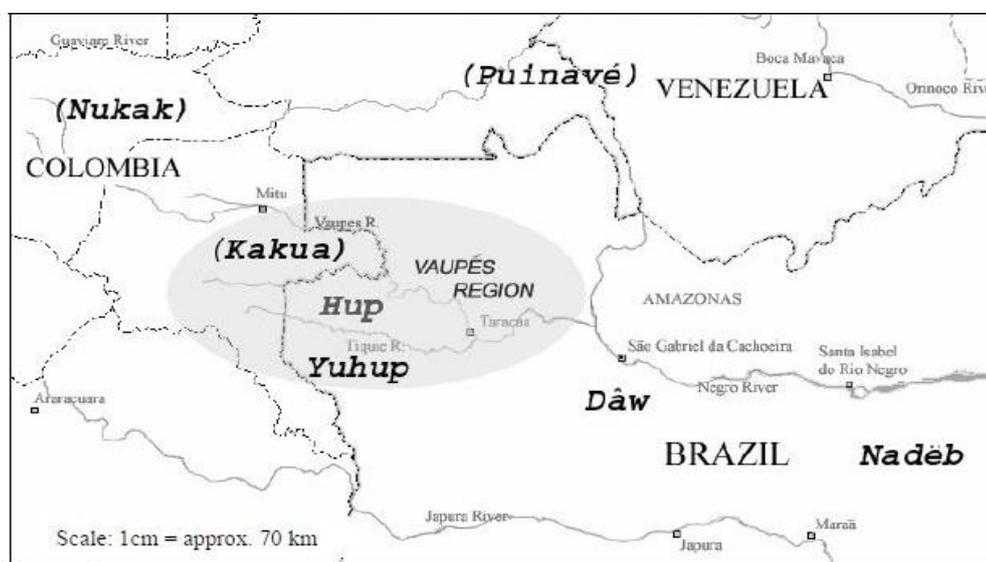


Figura 8. Nadahup (Maku) Family. Fonte: Epps (2005. p. 3).

De acordo com Epps, os estudos comparativos desse grupo apresentam dados suficientes para incluir na mesma família apenas as quatro línguas citadas, em cujas iniciais a autora se baseia para elaborar sua proposta: Nadahup.



Mapa 3. Distribuição das línguas Nadahup. Fonte: EPPS (2005. p. 4).

povos com tão grandes diferenças culturais. No entanto, manteve o nome *maku-puinave* para chamar a essa “etnia de projeção local” com três línguas faladas na Colômbia: o *puinave*, o *hup* (que compreendia duas variedades: *hup* e *yuhup*) e o *kaku* (que compreendia também duas variedades: *kakua* e *nukak*). Henley, Mattei-Müller e Reid (1994/1996) também chamam *maku-puinave* à família, mas propõem incluir a língua *hodi* (falada pelo povo de mesmo nome, que habita o Orinoco venezuelano) [...].

Martins & Martins (1999), no primeiro artigo moderno sobre a família, chama *maku*. Excluem dela o *puinave*, e não levam em conta o *hodi*, mas incluem os *kuyawi*, uma língua sobre a qual não existe descrição e da qual encontraram falantes no rio Negro? (grifos da autora, tradução nossa).

Alternativamente, Silva & Silva, em sua obra *A língua dos Yuhupdeh: introdução etnolinguística, dicionário Yuhup-Português e glossário semântico-gramatical* (2012), rejeitam a proposta Nadahup, afirmando que o termo: “[...] parece um neologismo híbrido da língua materna com o português. Para os primeiros soa como “nada de verdade” (já que húp é “verdade” em sua língua) e para os segundos “nada de gente” (já que hup é “gente” em sua língua)” (SILVA & SILVA, 2012: 56). Segundo os autores, uma melhor proposta provém de Ramirez:

Ramirez (2001a, p.2) propôs [...] Negro-Japurá ou Uaupés-Japurá, seguindo um critério geográfico [...]. Negro-Japurá ou Uaupés-Japurá nos parece até aqui a melhor opção, porém, exclui os Nikak, que habitam o interflúvio dos rios Inirida e Guaviare, afluente do Orinoco (*op. cit.*: 56).

A partir desse critério, e incluindo a língua do povo Nikak, propõem uma nova designação: “Assim, seguindo a proposta de ordem geográfica de Ramirez, e a título apenas de ampliação da mesma, propomos aqui o termo Guaviare-Japurá como substituto dos anteriores [...]” (*op. cit.*: 56).

Diante da variedade de propostas utilizadas, preferimos o termo *Nadahup*, apresentado por Epps (2005), em virtude do critério genético em que se fundamenta e da sua utilização corrente nos trabalhos mais atuais.

2.4 Estudos Anteriores

Os primeiros estudos sobre a língua Yuhup datam de 1980, com o trabalho *Análise Preliminar da Língua Yahup*, realizado pelo casal de missionários do SIL Daniel e Cheryl Jore, junto a povos Yuhupdeh que habitavam territórios brasileiros. Em 1986, Reina publica a dissertação *Análisis fonológico, lengua maku – Amazonas*, em que apresenta um estudo fonológico do Yuhup falado na Amazônia colombiana. No ano de 1987, Del Vigna e Lopes publicam seu estudo *Fonologia preliminar da língua Yuhup*, no âmbito das populações situadas em território brasileiro. Em 1991, Reina publica *Aspectos generales sobre la morfología de la lengua juhup-makú*. No mesmo ano, Del Vigna defende a dissertação de mestrado *Segmentos Complejos da Língua Yuhup*, pela UnB. Em 2000, Reina publica *Los macúes, lengua ju’hupde: Aspectos de la fonología*, e em 2005 Botma publica o artigo *Nasal harmony in Yuhup: a typological anomaly?* Embora alguns dos trabalhos citados sejam do meio acadêmico-científico, cujo registro e divulgação tendem a ser mais acessíveis, nenhum deles chegou ao nosso alcance. Os estudos a que tivemos acesso são comentados a seguir.

Em 1995, Lopes defende a dissertação *Fonologia Yuhup – Uma análise não-linear*, pela UFSC. Com o recurso de espectrogramas e tabelas para examinar as características fonéticas dos dados, o trabalho realiza uma descrição de aspectos da fonologia da língua, além de trazer um pequeno glossário Yuhup-português.

Lopes afirma que o Yuhup aparenta ser uma língua isolante, em que a cada sílaba corresponde um morfema, e vice-versa (LOPES, 1995: 12). No que diz respeito ao inventário fonético da língua, a autora afirma a ocorrência de núcleos complexos nas sequências [^mb, ⁿd, b^m, dⁿ, gⁿ, tʃ], interpretando-as como segmentos complexos que ocupam uma única posição silábica. Em relação ao inventário silábico da língua, a autora afirma que o Yuhup apresenta como padrão silábico máximo a estrutura [CVjC], em que o glide /j/ constitui o único segmento encontrado naquela posição, conforme o exemplo:

(1) CVjC

[wajh] ‘macaco’

Tomando a questão por outro ângulo, nossos dados registram que, no lugar do glide sucedido pela aspirada ([jh]), ocorre a fricativa palatal desvozeada [ç]. Assim, a palavra ‘macaco’ seria representada foneticamente como [waç], resultando no padrão CVC.

Lopes propõe ainda a existência das sequências [V?V] e [VhV], verificadas diante de vogais homorgânicas. Essas sílabas constituiriam núcleos complexos, podendo estabelecer oposição com sílabas normais. No caso de [V?V], a autora apresenta o exemplo:

(2) [V?V]

[jǣ?ǣm] ‘onça’

[jǣm] ‘vila’

Segundo um ponto de vista alternativo, nosso *corpus* registra a palavra ‘onça’ como [jǣ:m], isto é, com laringalização e alongamento da vogal, além de tom ascendente. Nesse contexto, a oclusiva glotal não se manifestaria foneticamente, divergindo dos dados discutidos por Lopes. Ainda assim, seria possível supor que a presença subjacente da oclusiva desencadearia os efeitos de laringalização e alongamento que a vogal sofre. O problema dessa hipótese, no nosso ponto de vista, é que o fonema /ʔ/ não explicaria a presença do tom, sendo portanto insuficiente para justificar a oposição entre as palavras do par mínimo. Uma interpretação que

nos parece plausível, nesse caso, é que a laringalização e o alongamento da vogal em palavras como [jã:m] decorrem da presença hipotética de tom de contorno, como um recurso fonético para enfatizar o traço suprasegmental, esse sim responsável pela oposição semântica diante do seu par mínimo (no caso, [jãm]). Essa hipótese dispensaria a necessidade de [V?V], configurando uma proposta mais econômica.

No caso de pares mínimos incluindo o núcleo complexo [VhV], a autora indica os seguintes exemplos:

(3) [VhV]	
[hu:ʔ]	‘pium’
[huhu:ʔ]	‘pacu’
[tã:h]	‘ruim’
[tãhã:h]	‘ruim’

Uma vez que nossos dados não apresentam número considerável de pares mínimos para viabilizar o exame da questão, e não encontrado neles evidência suficiente para supor a existência do núcleo complexo [VhV], deixamos tal hipótese inicialmente de lado a fim de favorecer um inventário silábico mais econômico e simétrico.

Acerca do tom, Lopes afirma que o Yuhup estabelece oposição por meio de tons em alguns ambientes. Em um caso, há um grupo de palavras que possuem tons próprios, o que configura tom lexical; em outro, o tom ocorre nas frases interrogativas, em que o tom alto marca o futuro, e o tom baixo marca o passado, o que configura tom gramatical. No entanto, a autora conclui que o tom não é contrastivo na língua, representando “[...] os resquícios do que foi uma língua tonal no passado” (*op. cit.*: 52).

Em 1999, Lopes & Parker publicam o artigo *Aspects of Yuhup Phonology*. No trabalho, os autores aprofundam alguns aspectos discutidos na dissertação, tais como a descrição de processos fonológicos por meio de teorias não lineares.

Um dos processos descritos é a nasalização. Segundo sua análise, os fones nasais são a realização do traço nasal próprio do morfema. Assim, nos morfemas nasais, todas as vogais são nasalizadas, assim como os glides /y/ e /w/ e a fricativa glotal /h/. As consoantes nasais emergem como [m, n, ŋ], conforme o local de articulação. Diante das oclusivas vozeadas, o traço nasal se espalha formando as sequências [ᵐb, ᵑd, ᵑŋ], caso a consoante esteja em posição de ataque silábico, e [bᵐ, dᵑ, gᵑ], caso esteja em coda. Segundo os autores, uma vez que esses segmentos de contorno

se encontram em distribuição complementar com as consoantes nasais, são analisados como alofones de /m, n, ŋ/. As oclusivas desvozeadas são transparentes ao processo, de modo que não recebem o traço nasal, mas também não bloqueiam seu espalhamento.

De acordo com o artigo, a nasalização ocorre da esquerda para a direita, atuando no interior do morfema ou entre morfemas e sufixos. Os sufixos são lexicalmente não marcados e recebem o traço nasal/oral a partir do morfema precedente. Os morfemas, por sua vez, possuem traço nasal ou oral próprio, de modo que o espalhamento não ocorre entre morfemas nas palavras polimorfêmicas, que podem ser formadas por raízes lexicais orais e nasais.

Um resultado discrepante relativo à dissertação mencionada (LOPES, 1995) diz respeito ao tom. De acordo com os autores, a língua apresenta 4 tons, dos quais 2 são de nível (alto e baixo) e 2 são de contorno (ascendente e descendente), e desempenham função lexical e gramatical.

A linguista com maior volume de trabalhos abordando a língua Yuhup é a pesquisadora colombiana Ana Maria Ospina Bozzi, que trabalha com a variedade falada em território colombiano. Sua dissertação *Morfologia del verbo em la lengua macú yujup* lhe concedeu o título de mestre em etnolinguística pela Universidad de los Andes no ano de 1995. Em 1998, a autora defende outra dissertação, *Morphologie du nom et du verbe em yuhup*, dessa vez pela Université de Paris para obtenção do título de mestre em Linguística teórica, formal e automática. Ospina publicou ainda estudos em 1999, 2000, 2004, 2005, 2007 e 2008, com destaque para sua tese de doutorado *Les structures élémentaires du yuhup makú, langue de l'Amazonie colombienne: morphologie et syntaxe*, pela Université de Paris em 2002.

Ospina identifica um inventário fonológico composto por 16 consoantes e 9 vogais, com resultados diferentes dos que encontramos. Os segmentos de contorno são descritos como [ᵐb, ᵑd, ʲʃ, ʲg, bᵐ, dᵑ, ʃᵑ, gᵑ], e correspondem aos fonemas /b, d, ʃ, g, bᵐ, dᵑ, ʃᵑ, gᵑ/. A nasalização é analisada como um traço morfêmico, tendo como limite de espalhamento o morfema lexical, que constitui o único elemento capaz de bloquear o espalhamento nasal na cadeia de segmentos.

A respeito do tom, a autora (OSPINA, 2002: 83) preconiza a existência de 2 registros de altura com função distintiva: alto e baixo. Nesse caso, quando 1 posição vocálica está associada a apenas 1 tom, tem-se tom de nível (alto ou baixo); quando, porém, a posição vocálica está associada a 2 tons, tem-se tom de contorno (ascendente ou descendente).

Em relação à morfologia, a autora assevera que, assim como as outras línguas da família, o Yuhup é isolante, com tendência a possuir palavras monomorfêmicas, apresentar pouca morfologia verbal e ausência de sistemas de classificação nominal (*op. cit.*: 84). Segundo a pesquisadora, a língua é caracterizada por um grupo de morfemas lexicais (nominais, verbais e qualificativos) e um

grupo de morfemas gramaticais (livres e presos, incluindo prefixos, sufixos, suprafijos e partículas). Alguns morfemas possuem tons próprios, outros assimilam o tom de outros morfemas para exprimir significados específicos.

Ospina afirma a ocorrência dos padrões silábicos CVC, CV, VC, CVCC e VCC. No caso de sílabas com a estrutura (C)VCC, a autora (*op. cit.*: 104) alega que a primeira consoante da coda é sempre [j], podendo ser sucedida por [h] ou [ʔ], segundo alguns exemplos, como:

(4) /ũjh/	→	[ũjh]	‘saco’
/~pâjh/	→	[pâj̃h]	‘tio’
/kajʔ/	→	[kajʔ]	‘abraçar’

Alternativamente, a sequência [jh] foi identificada em nossa pesquisa como a fricativa palatal desvozeada [ç], de modo que palavras como /ũjh/, por exemplo, foram por nós analisadas com o segmento /ç/ em posição de travamento silábico (no caso do exemplo citado: /ũç/). A coda [jʔ] não foi encontrada em nosso *corpus*.

Quando trata de prosódia, a linguista (*op. cit.*: 116) discute processos de harmonia vocálica e laringalização, além do processo de nasalização, proposta como causa da ocorrência dos alofones [b^m, dⁿ, jⁿ, gⁿ]. Segundo a autora, a nasalidade inerente a um dado morfema nasaliza as consoantes oclusivas vozeadas /b, d, j, g/ que se encontram em posição de ataque silábico, e pré-nasalizam aquelas que se encontram na coda. Assim, por exemplo:

(5) /~bóh/	→	[móh]	‘lago’
/~dũh/	→	[nũh]	‘cabeça’
/~cád/	→	[cãd]	‘chifre’

A autora assevera que a sílaba Yuhup é pesada (*op. cit.*: 124), e a associação do tom aos morfemas monossilábicos permite propor a existência de sílabas com 1 e com 2 moras. Assim, o tom alto (H) pode estar associado à mora única, no caso das sílabas monomoraicas, ou à primeira ou segunda mora, no caso das sílabas bimoraicas, como ilustrado a seguir:

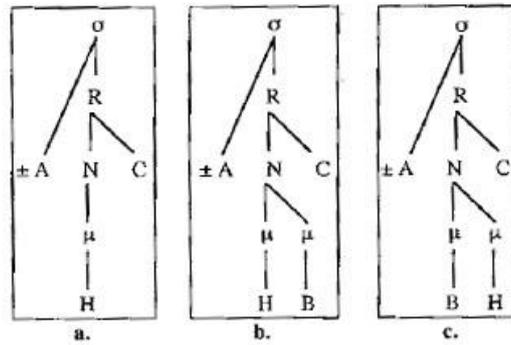


Figura 9. Sequências tonais associadas aos morfemas monossilábicos. Fonte: OSPINA (2002: 125).

Em relação aos morfemas dissilábicos, a autora (*op. cit.*: 125) afirma que a primeira sílaba é sempre monomoraica, ao passo que a segunda pode ter uma ou duas moras. Assim, se um tom alto (H) está presente na sílaba inicial, a segunda apresenta tom baixo (B); mas se a sílaba inicial possui tom baixo, a sílaba seguinte pode estar associada a um tom alto, a uma sequência alto-baixo ou baixo-alto, conforme segue:

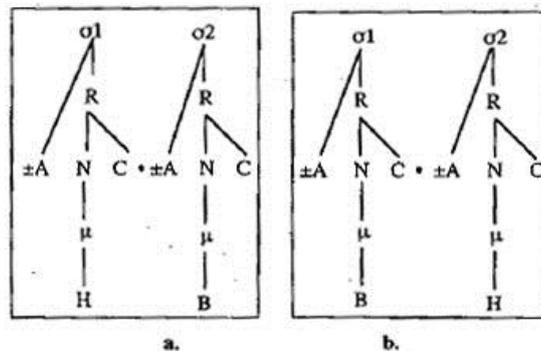


Figura 10. Sequências tonais H-B e B-H associadas aos morfemas dissilábicos. Fonte: OSPINA (2002: 125).

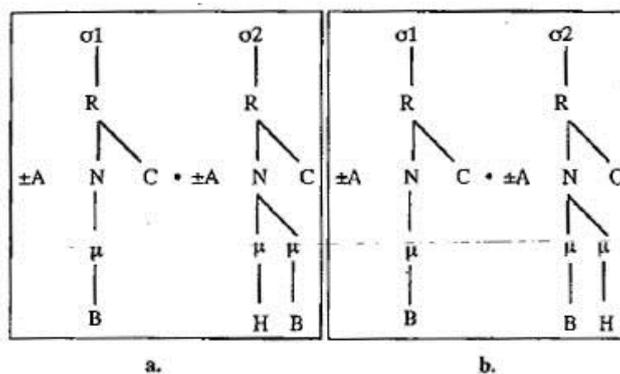


Figura 11. Sequências tonais B-HB e B-BH associados aos morfemas dissilábicos. Fonte: OSPINA (2002: 126).

Ainda no ano de 2002, Walker publica um artigo em que analisa morfemas de futuro (-CV p) e locativo (-CV t), com base nos dados apresentados no trabalho de Lopes & Parker (1999) e segundo a Teoria da Otimalidade. Em 2005, Martins defende na Vrije Universiteit Amsterdam sua tese de doutorado *Reconstrução fonológica do Protomaku Oriental*, em que aborda a fonologia das línguas Nadëb, Hupda, Yuhup e Dâw.

As análises linguísticas mais recentes abordando o Yuhup falado em território brasileiro provêm do casal de missionários Cácio Silva e Elisângela Silva, ambos membros do SIL. Em contato com o povo desde 2006, o trabalho do casal é desenvolvido majoritariamente junto a três comunidades, a saber, São Martinho e São Domingo, ambas situadas no igarapé Cunuri, e Guadalupe, localizada no igarapé Ira. Ao longo desse período, os missionários estabeleceram uma relação bastante estreita com o povo, o que lhes permitiu desenvolver, além do mister evangélico, estudos tratando de aspectos antropológicos e linguísticos referentes aos Yuhupdeh. Cumpre ressaltar que esses trabalhos possuem natureza técnica, isto é, se baseiam em conceitos teóricos e nas experiências empíricas dos missionários, e desempenham um papel pragmático de descrição da cultura e da língua Yuhup no âmbito da sua atuação evangélica. No entanto, embora os materiais publicados não se submetam a finalidades acadêmico-científicas, os dados discutidos constituem um referencial importante a respeito da língua.

Em 2007, Cácio e Elisângela Silva publicam o trabalho *Análise Fonológica da Língua Yuhup*, o artigo *A escrita dos Yuhupdeh: o registro ortográfico de uma língua indígena do Alto Rio Negro*, e o material *Yuhupdeh dííd: Caderno de alfabetização e proposta ortográfica da língua Yuhup*. Além desse caderno de alfabetização, produzem outros materiais didáticos utilizados pelos professores indígenas nas comunidades do rio Tiquié.

No ano de 2008, o casal publica *Fonologia e ortografia Yuhup*, em que apresentam uma análise fonológica e sua proposta ortográfica para a língua. Mas foi em 2012 que os missionários publicam seu trabalho mais ambicioso, o livro *A língua dos Yuhupdeh: Introdução Etnolinguística, Dicionário Yuhup-Português e Glossário Semântico-Gramatical*. Utilizado como dicionário de referência na região de São Gabriel da Cachoeira, sobretudo por brancos (como médicos, assistentes sociais e funcionários públicos) que fazem atendimento aos Yuhupdeh que se dirigem à cidade, a obra representa um trabalho importante não apenas pela indisponibilidade de dicionários alternativos, mas pela quantidade de dados que reúne.

Além do dicionário Yuhup-Português, um glossário semântico-gramatical, um glossário Português-Yuhup e cinco apêndices com informações complementares, a obra dedica um capítulo a

discussões de natureza etnográfica (cujo exame e crítica fogem a nossa competência e escopo) e outro a discussões de natureza linguística.

Denominada “Notas Linguísticas” (SILVA & SILVA, 2012: 78), a seção consiste em uma breve apresentação de aspectos da gramática do Yuhup, contemplando questões de fonologia, morfologia e sintaxe. Sob a égide da natureza pragmática da obra e do teor introdutório da discussão linguística, o texto não apresenta o percurso analítico dos dados, mas descreve as conclusões e propostas a que os autores chegaram.

O inventário fonológico, segundo o texto, é composto por 23 fonemas consonantais, a ver:

			Labial	Coronal		Dorsal	Laringal
			Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Surdo	Oclusivo	Pleno	p	t	c	k	ʔ
		Glotalico			c ^ʔ	k ^ʔ	
	Fricativo			ç		h	
Sonoro	Nasal	Pleno	m	n	ɲ	ŋ	
		Glotalico	m ^ʔ	n ^ʔ	ɲ ^ʔ	ŋ ^ʔ	
	Vibrante Simples	Pleno		(r)			
		Glotalico		(r ^ʔ)			
	Aproximante	Pleno	w		j		
		Glotalico	w ^ʔ		j ^ʔ		

Tabela 2. Fonemas consonantais. Fonte: SILVA & SILVA (2012: 80).

Os fonemas vocálicos são em número de 15, conforme segue:

		Anterior	Central	Posterior
		Não-Arredondada		Arredondada
Alta	Oral	i	ɨ	u
	Nasal	ĩ	ɨ̃	ũ
Média	Oral	e	ə	o
Baixa	Oral	æ	ɑ	ɔ
	Nasal	æ̃	ɑ̃	ɔ̃

Tabela 3. Fonemas vocálicos. Fonte: SILVA & SILVA (2012: 80).

Acerca da estrutura silábica, os autores afirmam a ocorrência dos padrões CV e CVC, com predominância do último. Segundo eles:

Todas as consoantes podem ocupar a margem silábica, tanto como ataque quanto como coda. Mesmo as consoantes palatal e velar, que nunca ocorrem no início de palavras, podem ocupar o ataque silábico em sufixos. Já para as vogais existe uma restrição, pois, não existindo o padrão *VC, estas jamais ocupam o ataque silábico. A coda, entretanto, pode ser ocupada por qualquer vogal, sendo que no final de palavra será sempre alongada (*op. cit.*: 81).

O acento, de acordo com o texto, é previsível e ocorre sempre na última sílaba, coincidindo com os tons de contorno. Os tons são descritos em número de 4, sendo 2 de nível (alto e baixo) e 2 de contorno (ascendente e descendente). Para os autores:

Estes tons possuem funções lexicais, morfológicas e sintáticas, sendo, portanto, extremamente produtivos. Os tons ascendente e descendente diferenciam palavras lexicais de sequência segmental idênticas, sendo que o descendente funciona ainda como supramorfe derivacional, dando origem a substantivos e verbos adjetivados através do processo de deverbalização [...].

Os aspectos *'perfectivo'* e *'imperfectivo'*, se distinguem unicamente pelo contraste entre tom ascendente e descendente, enquanto os aspectos *'prospectivo'*, *'progressivo'* e modo *'interrogativo'* se distinguem unicamente pelo contraste entre os tons ascendente, alto e descendente (*op. cit.*: 82-3, grifos dos autores).

A morfologia é apresentada de forma bastante sinótica, com breves comentários sobre cada tópico e poucos exemplos para apoiar suas propostas. Assim, os autores preconizam a ocorrência de 14 classes de palavras, segundo critérios morfológicos e sintático-funcionais; essas classes, porém, não são designadas ou discutidas. Os substantivos podem ser simples, formados usualmente por deverbalização e reduplicação, ou compostos, formados por processos de justaposição e aglutinação. Os verbos podem ser simples ou compostos, caso em que são formados sobretudo por justaposição, derivação e serialização.

Os advérbios, de acordo com o texto, exprimem a noção de tempo, espaço, modo e negação, além de uma série de partículas adverbiais que indicam localização e direção de maneira bastante específica, complexa e precisa. Os pronomes são classificados em pessoais, possessivos, demonstrativos, interrogativos e indefinidos.

Ao tratar do tempo, os autores afirmam que o Yuhup emprega advérbios e marcadores aspectuais e temporais, com o que se cria um sistema temporal simplificado. Os missionários oferecem alguns exemplos de advérbios e marcadores aspectuais para ilustrar o funcionamento do sistema; no entanto, ao explicar o uso de locuções adverbiais, deixam transparecer uma visão etnocêntrica acerca da língua. Assim, dizem eles:

A locução adverbial de lugar **sö máh** *'atrás'*, no seu valor temporal indica *'depois'* (futuro), e **körö máh** *'adiante'*, indica *'antes'* (passado), portanto, sofrem uma

inversão semântica no intercâmbio espaço-temporal (*op. cit.*: 96, grifos dos autores).

Os autores alegam que o sistema da língua sofre uma “inversão semântica” na relação entre tempo e espaço, à medida que a locução correspondente a ‘atrás’ exprime a ideia de futuro, e a ideia de passado é expressa pela locução correspondente a ‘adiante’. Desse modo, para se referir ao futuro, os Yuhupdeh apontam para trás, e para se referir ao passado, apontam para a frente. Fugindo a uma postura estritamente linguística, essa interpretação incorre em etnocentrismo porque parte do referencial de uma cultura, branca, ocidental, eurocêntrica e cristã, como parâmetro para a compreensão da cultura do outro.

Não se pode dizer que o sistema de representação de uma dada língua sofre uma inversão semântica no binômio espaço-tempo, porque não existe uma relação unívoca e prototípica entre tempo e espaço, a partir da qual as diferentes línguas documentadas façam uso uniforme. Pelo contrário, cada língua estabelece suas próprias relações com o mundo para codificá-lo, servindo-se do tempo, do espaço e de outras instâncias da maneira que melhor convier ao sistema.

A lógica desse sistema de representação Yuhup, aliás comum a outras línguas indígenas, como o Aymara, associa o passado ao que se encontra ‘adiante’ em relação aos falantes, porque, metaforicamente, o passado é aquilo que já conhecemos, o que se estende diante de nossos olhos, localizando-se, por isso, à frente do enunciador. O futuro, por sua vez, é associado ao que se encontra ‘atrás’, porque consiste naquilo que foge aos olhos, ou seja, que não pode ser visto ou conhecido pelo enunciador. Trata-se de uma relação entre tempo e espaço bastante coerente, rejeitando a interpretação de que constitui uma inversão semântica.

Evidentemente, essa concepção entra em choque com aquela utilizada pelas culturas ocidentais eurocêntricas, que associam o futuro ao que se encontra metaforicamente à frente dos falantes, e o passado àquilo que se encontra atrás deles. E nisso reside o equívoco na afirmação dos missionários, ao se deixarem levar por uma compreensão etnocêntrica do objeto linguístico. A esse respeito já se manifestava Lévi-Strauss, advertindo sobre os riscos de se criar uma etnografia da ausência, em que a cultura do outro fosse vista pela oposição diante da nossa cultura. Assim, o erro ocorre quando o mundo do outro é definido pelo que lhe falta, em seu contraste com o nosso, e não pelo que possui, na compreensão dele em face de si mesmo.

O texto aborda ainda o aspecto da língua, afirmando que se trata de uma das suas classes gramaticais mais importantes. Segundo os missionários, o Yuhup é caracterizado por 17 aspectos diferentes, dos quais todos são tonais e alguns podem receber sufixos, gerando variadas combinações aspectuais. Nessa seção, comenta-se brevemente também sobre modo,

evidencialidade, marcadores sentenciais, posposições, conjuntivos, conjunções, modificadores, interjeições, sufixos e suprafijos.

Acerca da sintaxe da língua, os autores mencionam focalização, serialização verbal, incorporação nominal, alteração de valência verbal com processos de transitivação e outros recursos que são utilizados como mecanismos sintáticos-semânticos. Os constituintes sintáticos apresentam grande flexibilidade, considerada a regularidade na ocorrência da estrutura SOV, no caso das sentenças simples declarativas, e OSV, no caso das sentenças simples não declarativas. As sentenças complexas apresentam as duas estruturas, com predomínio de SOV.

As descrições acerca da língua Yuhup, de acordo com o que expôs, se baseiam em distintas posturas teóricas e apresentam resultados bastante diversos. A análise que apresentamos a seguir se apoiam em nosso próprio *corpus*, e em muitos aspectos diferem das propostas até aqui discutidas.

3 FONÊMICA SEGMENTAL

O surgimento da linguística moderna se deu a partir dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, em função de sua importância para o estabelecimento do estatuto de cientificidade aos estudos da área. Para Saussure, o conceito de “língua” pode ser definido da seguinte maneira:

É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social [...]. (SAUSSURE, 2006: 17).

Com base nessa concepção compósita da língua, Saussure propõe a dicotomia entre *langue* e *parole*. Assim, *langue* corresponde à dimensão social da língua, seu caráter uniforme e sistêmico marcado pela existência de regras coletivas. *Parole*, a seu turno, designa a natureza individual da língua, relacionada ao uso que os falantes fazem dela, de forma particular e assistemática. Como um código de regras, *langue* consiste em um sistema abstrato que é apreendido e compartilhado pela sociedade. Como uma possibilidade individual, *parole* constitui a realização concreta daquele sistema.

De acordo com Silva: “A lingüística é a ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e as características que regulam as estruturas das línguas” (SILVA, 2003: 11). No que diz respeito ao estudo dos sons da fala, o campo da linguística se divide em duas áreas principais, a Fonética e a Fonologia. Segundo Cagliari:

A Fonética preocupa-se principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam lingüisticamente os sons da fala. Descreve os sons da fala, dizendo quais mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala [...].
A Fonologia, por sua vez, faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los. A Fonética é basicamente descritiva e a Fonologia, interpretativa. A análise fonética baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons. A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, isto é, na função lingüística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas (CAGLIARI, 2002: 17-18).

O desenvolvimento da fonética, enquanto campo científico em sentido estrito, se deu a partir do início do século XX (CAGLIARI, 2012: 67), em decorrência do grande avanço tecnológico e da construção dos primeiros laboratórios de fonética experimental, que permitiram a difusão de

trabalhos e técnicas fundamentais ao progresso da área. Consequentemente, a evolução dos instrumentos disponíveis e a soma dos trabalhos produzidos levou ao surgimento de diferentes modelos teóricos para investigar os fenômenos linguísticos. De acordo com Cagliari:

Na história da Linguística moderna, a fonologia foi uma das áreas que mais se desenvolveu e que passou por mais metodologias diferentes. Os estudos estruturalistas iniciais já se diferenciaram metodologicamente. A abordagem europeia seguiu as ideias de Saussure, desenvolvidas por Trubetzkoy, Martinet e pelos Círculos Linguísticos. Nos Estados Unidos desenvolveu-se a abordagem conhecida como fonêmica, a partir dos trabalhos de Pike (2012: 67).

A linha estruturalista norte-americana, ou fonêmica, é largamente utilizada no estudo de línguas ágrafas, notadamente as indígenas. Essa abordagem se baseia na inventariação dos sons utilizados pelos falantes como primeira etapa do trabalho descritivo, que se desenvolve no sentido de uma abstração progressiva em direção à fonologia da língua.

A identificação dos sons utilizados na língua se fundamenta na segmentação do *continuum* da fala em unidades mínimas e na comparação dos segmentos a fim de constatar quais deles se encontram em relação de contraste ou variação. Para registrar com exatidão cada segmento identificado, os sons são grafados por meio de transcrições fonéticas²², que permitem representar especificamente todos os sons realizáveis pelo aparelho fonador humano. Após a inventariação dos diferentes sons utilizados, a observação de como eles se comportam no sistema permite identificar aqueles que apresentam valor distintivo na língua, e que, portanto, possuem estatuto de fonema²³.

A esse respeito Cagliari esclarece:

A função opositiva e distintiva é a função fonológica que permite – através do teste de comutação, isto é, da substituição de um som por outro num determinado ponto do sintagma ou enunciado – fazer o levantamento de todos os sons que exercem a função de fonemas numa língua ou do valor fonológico que as demais unidades têm (CAGLIARI, 2002: 24).

De acordo com Silva:

O procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. Essas palavras constituem um par mínimo, e a oposição entre eles é denominada contraste em ambiente

²² Em uma transcrição fonética, cada possibilidade articulatória corresponde a um símbolo único, de modo que cada segmento pronunciado seja descrito com precisão. Atualmente, o sistema de transcrição mais empregado é o alfabeto do IPA (International Phonetics Association), utilizado neste trabalho.

²³ “Os fonemas são unidades sonoras que diferenciam um som de outro por oposição, estabelecendo um valor no sistema. Sua realização fonética é chamada de alofone. Os fonemas não variam porque estão em oposição diferenciadora, mas podem ter mais de um alofone associado a eles” (CAGLIARI, 2012: 68).

idêntico (CAI). Quando não encontramos pares mínimos, podemos caracterizar os dois segmentos em questão como fonemas distintos pelo contraste em ambiente análogo (CAA). (SILVA, 2009: 39-40).

Segundo Cagliari (2002: 55-9), a realização de uma análise fonológica do tipo fonêmica apresenta os seguintes passos: o *corpus*; a tabela fonética; os pares suspeitos; os pares mínimos; os ambientes análogos; a distribuição complementar; os outros tipos de variação; os sons restantes; o inventário de fonemas. Essa ordem foi respeitada na presente pesquisa. O autor indica ainda outros passos, como processos fonológicos e transcrição fonológica, os quais não são aqui abordados.

Assim, tomando a realização fonética dos sons da língua como ponto de partida, compusemos nosso *corpus* e uma tabela fonética, identificamos os pares suspeitos, pares mínimos e ambientes análogos, consideramos a distribuição complementar, outros tipos de variação e os sons restantes, até alcançar o inventário de fonemas da língua, exibido no fim desta seção.

Apresentamos, a seguir, o inventário dos fones do Yuhup falado na região do igarapé Cunuri, AM. O quadro a que chegamos é constituído por 22 fones consonantais e 18 fones vocálicos, como se demonstrará.

3.1 Fones consonantais

Os fones consonantais que identificamos em nosso trabalho de campo são os que apresentamos a seguir:

Inventário dos fones consonantais

	Bilabial	Alveolar	Pós- -Alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	[p] [b]	[t] [d]				[k] [g]	[ʔ]
Africada		[ts]					
Fricativa		[s]	[ʃ]	[ʂ]	[ç]		[h]
Pós-Nasal	[b ^m]	[d ⁿ]				[g ⁿ]	
Nasal	[m]	[n]			[ɲ]		
Tepe		[r]					
Aproximante	[w]				[j]		

Quadro 1. Fones consonantais da língua Yuhup.

Oclusivas

(6) [p] Oclusiva, bilabial, desvozeada.

Ocorre em posição de ataque e coda silábica. Na coda, apresenta articulação bloqueada [p̚]:

[paç]	‘pedra’
[pɔ̃:]	‘igapó’
[pãt̚]	‘cabelo’; ‘pena’; ‘pele’
[hõp̚]	‘peixe’
[tip̚]	‘ovo’

(7) [b] Consoante oclusiva, bilabial, vozeada.

Ocorre apenas em posição de ataque silábico:

[bʔ]	‘chavascal’
[biʔ]	‘fazer’
[bũ:]	‘mutuca’
[bõh]	‘sal’
[bəh¹bəg⁹]	‘cubiú’

(8) [t] Oclusiva, alveolar, desvozeada.

Ocorre em posição de ataque e coda silábica. Na coda, o fone é realizado com articulação bloqueada [t̚]:

[tah]	‘anta’
[tẽh]	‘filho’
[tih]	‘raiz’
[ut̚]	‘agulha’
[wet̚]	‘pássaro’

(9) [d] Oclusiva, alveolar, vozeada.

Ocorre apenas em posição de ataque silábico:

[daj]	‘anzol’
[deh]	‘água’
[do¹ni]	‘chover’

[dʊb ^m]	‘rabo’
[dǎp ^ɿ]	‘carne’

(10) [k] Oclusiva, velar, desvozeada.

Ocorre em posição de ataque e coda silábica. Na coda, apresenta articulação bloqueada [k^ɿ]:

[kəʔ]	‘osso’
[ke:]	‘asa’
[bɔ ^ɿ kǎ]	‘prato’
[tí ^ɿ bǒk ^ɿ]	‘casca’
[bǎk ^ɿ]	‘zarabatana’

(11) [g] Oclusiva, velar, vozeada.

Ocorre em ataque e coda silábica, mas nunca em início de palavra. Na coda, apresenta articulação bloqueada [g^ɿ]:

[tɛ ^ɿ guh]	‘árvore’
[hǎ ^ɿ gǎg ^ɿ]	‘coração’
[tɛg ^ɿ tu ^ɿ huʔ]	‘pólvora’
[tɛg ^ɿ]	‘lenha’

(12) [ʔ] Oclusiva, glotal, desvozeada.

Ocorre em posição de coda silábica:

[həʔ]	‘sim’
[bǎʔ]	‘dois’
[mǎʔ]	‘minhoca’
[jak ^ɿ tɔʔ]	‘mandioca’
[sǎʔ]	‘caixa’

Africadas

(13) [tʃ] Africada, alveolar, desvozeada.

Ocorre em posição de ataque silábico:

[ts̃ikʰ]	‘poeira’; ‘nuvem’
[ts̃əbᵐ]	‘noite’
[ts̃əpʰ]	‘raio’; ‘relâmpago’
[ts̃ibᵐ]	‘pé’
[ts̃ɔ]	‘flor’

Fricativas

(14) [s] Fricativa, alveolar, desvozeada.

Ocorre em posição de ataque silábico:

[sawʰtia]	‘sujo’
[seʰsej]	‘chuveiro’; ‘neblina’
[ʰsímá]	‘costas’
[sɔ̃j]	‘papagaio’
[s̃jᵐ]	‘perna’

(15) [ʃ] Fricativa, pós-alveolar, desvozeada.

Ocorre em posição de ataque silábico:

[ʃɛʰʃɛʔ]	‘camarão’
[ʃɛʰʃɛʔ]	‘chuveirar’
[ʃiʰrɛ]	‘urina’
[ʃuʰkɛtʰ]	‘folha’

(16) [ʂ] Fricativa, retroflexa, desvozeada.

Ocorre em posição de ataque silábico:

[ʂãh]	‘terra’; ‘chão’
[ʂɛʔ]	‘cesta’
[ʂɔʰhɔ]	‘ipadu’
[ʂɔtʰ]	‘verme’
[tih ʂapʰ]	‘bonito’

(17) [ç] Fricativa, palatal, desvozeada.

Ocorre em posição de coda silábica:

[pəç]	‘pente’
[paç]	‘pedra’
[puh 'puç]	‘umbigo’
[uç]	‘saco’
[kãç]	‘miçanga’

(18) [h] Fricativa, glotal, desvozeada.

Ocorre em posição de ataque e coda silábica:

[haj]	‘floresta’
[hod ⁿ]	‘buraco’
[pə'həj]	‘barranco’
[puh]	‘espuma’
[həh]	‘moquear’

Pós-nasais (*denominamos “pós-nasalizados” os seguintes fones com base unicamente nas suas características fonéticas. Seu estatuto fonológico será discutido na subseção 3.1.1.*)

(19) [b^m] Pós-nasal, bilabial, vozeada.

Ocorre em posição de coda silábica, precedido por vogal oral:

[həb ^m]	‘ano’; ‘verão’
[wab ^m]	‘jirau’
[tsɔ̃b ^m]	‘noite’
[heb ^m]	‘abano’
[s̃jb ^m]	‘perna’

(20) [dⁿ] Pós-nasal, alveolar, vozeada.

Ocorre em posição de coda silábica, precedido por vogal oral:

[paç 'téd ⁿ]	‘montanha’
[kəd ⁿ]	‘banco’
[wid ⁿ]	‘enrolar’

[wɛd ⁿ]	‘comida’
[hod ⁿ]	‘buraco’

(21) [gⁿ] Pós-nasal, velar, vozeada.

Ocorre em posição de coda silábica, precedido por vogal oral:

[ag ⁿ]	‘fruta’
[pog ⁿ]	‘grande’
[wɛg ⁿ jɔh]	‘praia’
[kiɡ ⁿ bɔ̃k ^ˀ]	‘arco’
[hɛ ^ˀ bɔ̃g ⁿ]	‘vassoura’

Nasais

(22) [m] Nasal, bilabial, vozeada.

Ocorre em posição de ataque e coda silábica. Na coda, ocorre precedido por vogal nasal:

[mɔ̃ ^ˀ hɔ̃p ^ˀ]	‘perto’
[mu ^ˀ huk ^ˀ jap ^ˀ]	‘capitão’; ‘líder’
[deh mɛ]	‘margem’
[mɔ̃m]	‘metal’
[nɛ̃m]	‘piolho’

(23) [n] Nasal, alveolar, vozeada.

Ocorre em posição de ataque e coda silábica. Na coda, ocorre precedido por vogal nasal:

[nũh]	‘cabeça’
[nɛ̃m]	‘piolho’
[nãn]	‘banha’
[ɔ̃n]	‘tu’ (inclusivo)
[hĩn]	‘elas’

(24) [ɲ] Nasal, palatal, vozeada.

Ocorre em posição de ataque silábico:

[ɲɔ̃h]	‘remédio’
--------	-----------

[ɲah 'bá hɔh]	‘canoa da transformação’
[ʎũmí]	‘plantar’
[ɲãm pog ⁹]	‘aldeia grande’; ‘país’

Tepe

(25) [ɾ] Consoante tepe, alveolar, vozeada.

Ocorre em ataque silábico, sempre em posição intervocálica:

[haj'ɾɔʔ]	‘incendiar’
[tuk ⁷ 'jérí]	‘nublado’
[si'ɾɛʔ]	‘urina’
[wɛh'ɾɔ]	‘estrela’
[mɔ'ɾəʔ 'ap ⁷]	‘três’

Aproximantes (as aproximantes constituem segmentos ambivalentes, os quais serão discutidos oportunamente na subseção 4.1.)

(26) [j] Aproximante, palatal, vozeada.

Ocorre em ataque ou coda silábica:

[jih]	‘grama’
[ju'hup ⁷]	‘pessoa’
[jiw]	‘sangue’
[hɛj]	‘tesoura’
[haj]	‘floresta’

(27) [w] Aproximante, labial, vozeada.

Ocorre em posição de ataque e coda silábica:

[wɛh'ɾɔ]	‘estrela’
[wo'hot ⁷]	‘vento’
[tiw]	‘caminho’
[sɔw 'tia]	‘sujo’
[sîw]	‘pupunha’

3.1.1 Sons consonantais foneticamente semelhantes

Os fones apresentados consistem no inventário fonético consonantal da língua Yuhup, conforme os dados que coletamos em campo. No entanto, é preciso verificar se esses fones se encontram em oposição fonológica e constituem fonemas na língua. Segundo Cagliari (2002), sons com maior semelhança fonética (isto é, que possuem grande número de traços fonéticos em comum) apresentam maior probabilidade de constituir variantes de um mesmo fonema. É com base nessa premissa que analisaremos a oposição de alguns pares de fones.

(28) [b] e [p] constituem sons foneticamente semelhantes (SFS) e apresentam contraste em ambiente análogo (CAA):

[bəh bəg^h] ‘abiú’ [pəç] ‘pente’

As consoantes [b] e [p] se encontram no ambiente #_ə, isto é, início de palavra e contiguidade à vogal [ə]. Uma vez que esse contexto não apresenta nenhum fator segmental que condicione a ocorrência de qualquer dos fones, [b] ou [p], pode-se concluir que eles representam fonemas distintos, /b/ e /p/.

(29) [b] e [m] constituem SFS e apresentam CAI:

[boh] ‘espécie de ave’ [moh] ‘lago’

Portanto, /b/ e /m/ são fonemas.

(30) [t] e [d] constituem SFS e apresentam CAA:

[tah] ‘anta’ [daj] ‘anzol’

De acordo com os itens lexicais até aqui expostos, não é lícito concluir que o ambiente #_a (início de palavra e contiguidade à vogal [a]) determine qualquer dos fones, [t] ou [d]. Portanto, podemos afirmar que /t/ e /d/ são fonemas.

(31) [d] e [n] constituem SFS e apresentam CAA:

[daj] ‘anzol’ [nan] ‘banha’

Uma vez que o ambiente #_a (início de palavra e contiguidade à vogal [a]) não condiciona a ocorrência das consoantes [d] ou [n], concluímos que os fones /d/ e /n/ constituem fonemas distintos na língua.

(32) [t] e [r] constituem SFS e não apresentam CAI:

[buj'tokʔ] ‘orelha’ [buj'rəkʔ] ‘orelha’

[t] e [r] estão em variação livre (“livre” de condicionamento fonológico, uma vez que a ocorrência de um fone ou de outro não é totalmente isenta de pressão, flutuando segundo fatores sociolinguísticos) e são alofones de um mesmo fonema. Devido à sua menor recorrência e maior restrição (não ocorre em travamento silábico ou início de palavra), entendemos que o fone [r] é uma variação do fonema /t/. No entanto, embora não seja fonema, o tepe existe em algumas palavras tomadas de empréstimo de outras línguas, como [ka'riwa] (‘branco’, ‘não indígena’), a partir do nheengatu, e [se'rɔti] (‘serrote’), do português.

(33) [k] e [g] constituem SFS e apresentam contraste em ambiente análogo (CAA):

[tɛg] ‘lenha’ [tuk] ‘ferroar’

Segundo os dados apresentados, não faz sentido presumir que o contexto “fim de palavra” condicione os fones [k] ou [g]; tampouco que a contiguidade à vogal [ɛ] condicione [g], e a contiguidade à vogal [u] condicione [k]. Assim, como estão em oposição, /k/ e /g/ são fonemas.

(34) [ʔ] e [h] constituem SFS e apresentam CAI:

[bôʔ] ‘tucunaré’ [bôh] ‘sal’

Portanto, /ʔ/ e /h/ são fonemas.

(35) [h] e [ç] apresentam CAI:

[wah] ‘envelhecer’ [waç] ‘espécie de macaco’

Portanto, /h/ e /ç/ são fonemas.

(36) [ʔ] e [Ø] apresentam CAI:

[hiʔ] ‘espécie de peixe’ [hi] ‘escrever’; ‘pintar’

Portanto, /ʔ/ é fonema.

(37) [h] e [Ø] apresentam CAI:

[boh] ‘espécie de ave’ [bo] ‘morrer’

Portanto, /h/ é fonema.

(38) [w] e [b] apresentam CAA:

[wag^h] ‘estrela’ [bab^m] ‘ajudar’

Os exemplos até aqui apresentados não licenciam a hipótese de que o ambiente #_a (início de palavra e contiguidade à vogal [a]) determine qualquer dos fones, [w] ou [b], do que decorre que /w/ e /b/ são fonemas distintos.

(39) [j] e [ç] apresentam CAA:

[daj] ‘anzol’ [paç] ‘pedra’

Os itens lexicais expostos não permitem pressupor que o contexto a_# (contiguidade à vogal [a] e fim de palavra) condicione a ocorrência dos fones [j] ou [ç]. Portanto, /j/ e /ç/ são fonemas.

(40) [ts̃], [s], [ʃ], e [ʒ] constituem SFS, mas não apresentam CAI:

[ts̃ǒb^m] ‘noite’ [sǒb^m] ‘noite’

[ʃǒb^m] ‘noite’ [ʒǒb^m] ‘noite’

Os fones [ts̃], [s], [ʃ], e [ʒ] se encontram em variação livre. Como o fone [s] ocorre no corpus em maior quantidade e com menor restrição (também é encontrado em posição de coda), entendemos que a forma de base seja melhor representada pelo fonema /s/.

(41) [ɲ] e [j] apresentam CAA:

[ɲah 'bá hɔh] ‘canoa da transformação’ [jak^ɾ tɔʔ] ‘mandioca’

Uma vez que o ambiente #_a (início de palavra e contiguidade à vogal [a]) não condiciona qualquer dos fones, [ɲ] ou [j], pode-se asseverar que eles constituem fonemas, /ɲ/ e /j/.

(42) [ɲ] e [n] apresentam CAA:

[ɲah 'bá hɔh] ‘canoa da transformação’ [nan] ‘banha’

De acordo com os dados apresentados, o contexto #_a (início de palavra e contiguidade à vogal [a]) não determina a ocorrência dos fones [ɲ] ou [n]. Portanto, /ɲ/ e /n/ são fonemas na língua.

(43) [b] e [b^m] constituem SFS, mas nunca ocorrem no mesmo contexto, uma vez que [b] ocorre unicamente em ataque silábico, ao passo que [b^m] é encontrado apenas em posição de coda. Esse arranjo poderia indicar o caso de distribuição complementar, em que os dois alofones seriam variantes de um mesmo fonema. Antes de desenvolver essa hipótese, no entanto, podemos

confrontar o fone [b^m] com [m], outro par de SFS, em busca de que a análise possa iluminar a questão.

(44)[b^m]e [m] constituem SFS, mas não ocorrem no mesmo contexto. Como visto, o fone [b^m] é encontrado apenas em posição de coda. O fone [m], por outro lado, pode ocorrer tanto em coda quanto em ataque silábico. O que determina a ocorrência de um ou outro fone no ambiente comum, isto é, a coda silábica, é o segmento que os antecede.

Além da posição de coda, o fone [bm] apresenta outra restrição: sempre vem precedido por vogal oral, como em [həb^m] (‘ano’; ‘verão’), [sɨb^m]²⁴ (‘perna’), [wab^m] (‘jirau’). O fone [m], a seu turno, ocorre em posição de travamento silábico somente quando a vogal que o antecede apresenta nasalidade, como em [mõm] (‘metal’), [nẽm] (‘piolho’), [ẽm] (‘tu’). Com isso, podemos concluir que os fones [b^m] e [m] estão em distribuição complementar, em função da presença ou ausência de nasalidade na vogal que os antecede.

A oralidade da vogal contígua ao traço nasal da consoante é o elemento determinante para a ocorrência do fone [b^m]. Desse modo, o processo que inicialmente supomos pós-nasalização, em que o fonema prevaiente seria a consoante oclusiva /b/, é melhor descrito como pré-oralização, com prevalência do fonema nasal /m/. Nesse caso, a vogal que antecede a consoante “oraliza” o segmento, levando à “inserção” de uma consoante oclusiva no mesmo ponto de articulação da nasal. Assim, o fone [b^m] é melhor representado como [b^om]. Com base nisso, podemos postular a seguinte regra:

$$/m/ \longrightarrow [b^o m] \ /V_{oral}_ \#$$

Recuperando a análise de [b] e [b^om], poderíamos indagar se o fone [b] também seria uma variante do fonema /m/, realizado como uma oclusiva bilabial em posição de ataque silábico diante de vogal oral. No entanto, se assim fosse, como explicar a ocorrência de formas como [deh mɛ] (‘margem’), [meh dʒɨn jap^ɿ] (‘xamã’), [mu'huk^ɿ jap^ɿ] (‘capitão’; ‘líder’), em que [m] precede vogal oral? Com isso, diante da ocorrência do fone [m] em ataque silábico sucedido por vogal oral, não vemos razão para entender que [b] estaria em distribuição complementar com [b^om]. Com isso, concluímos que /b/ e /m/ constituem fonemas independentes.

²⁴ De acordo com o padrão do IPA, adotamos o símbolo $_$, inscrito abaixo de vogal, para representar vocalização laringalizada, conforme registrado na lista de abreviações e siglas no início deste trabalho.

(45) [dⁿ] e [n] constituem SFS, mas não ocorrem no mesmo contexto. Nesse caso, o mesmo percurso realizado acima, para o par [b] e [b^m], deve evidenciar se ocorre distribuição complementar. Como visto, o fone [dⁿ] é encontrado apenas em posição de coda, ao contrário de [n], que pode ocorrer tanto em coda quanto em ataque silábico. O que determina a ocorrência de um ou outro é o segmento que os precede.

Além da posição de coda, o fone [dⁿ] apresenta outra restrição: sempre vem precedido por vogal oral, como em [hodⁿ] ('buraco'), [kədⁿ] ('banco'), [wɛdⁿ] ('comer'). O fone [n], a seu turno, ocorre em posição de travamento silábico somente quando a vogal que o antecede é nasal, como em [nã̃n] ('banha'), [õ̃n] ('tu' (inclusivo)), [hĩ̃n] ('elas'). Com isso, podemos concluir que os fones [dⁿ] e [n] estão em distribuição complementar, em função da presença ou ausência de nasalidade na vogal antecedente.

A oralidade da vogal contígua ao traço nasal da consoante é o elemento que determina a ocorrência do fone [dⁿ]. Desse modo, o processo é melhor descrito como pré-oralização do fonema nasal /n/. Assim, o fone [dⁿ] é melhor representado como [dⁿ], o que nos conduz à seguinte regra:

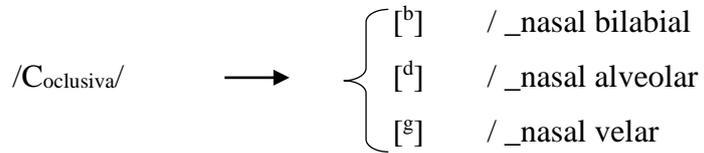
$$/n/ \longrightarrow [d^n] \quad /V_{\text{oral}}\#$$

(46) [d] e [n] constituem SFS, mas não ocorrem no mesmo contexto. Poderíamos supor que o fone [d] seria uma variante do fonema /n/, realizado como uma oclusiva alveolar em posição de ataque silábico diante de vogal oral. No entanto, a ocorrência de formas como [dehi¹a ni] ('enchente') e [doni] ('chover'), em que o fone [n] antecede vogais orais, inviabiliza a hipótese de distribuição complementar, do que se conclui que /d/ e /n/ são fonemas independentes.

(47) [gⁿ] pode ser resultante dos mesmos processos de pré-oralização das nasais /m/ e /n/. Além do ambiente de travamento silábico, o fone [gⁿ] apresenta outra restrição: sempre vem precedido por vogal oral, como em [agⁿ] ('fruta'), [wɛgⁿ jɔh] ('praia'), [wagⁿ] ('dia'). Embora não tenhamos encontrado em nossos dados o fone [ŋ], a pressão do sistema leva a crer que a ocorrência de [gⁿ] decorre da antecedência de uma vogal oral que "oraliza" a consoante nasal /ŋ/ naquela posição, o que leva à realização de uma oclusiva ([^gŋ]) com o mesmo lugar de articulação da nasal (/ŋ/). Dessa maneira, o fone [gⁿ] é melhor representado como [^gŋ], o que conduz à seguinte regra:

$$/ŋ/ \longrightarrow [{}^g\eta] \quad /V_{\text{oral}}\#$$

Uma característica comum aos fones de contorno variantes das nasais é que sua pré-oralização emerge conforme o ponto de articulação do fonema. Assim:



Com base no percurso apresentado, chegamos ao seguinte quadro:

Inventário dos fonemas consonantais

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/ /b/	/t/ /d/		/k/ /g/	/ʔ/
Fricativa		/s/	/ç/		/h/
Nasal	/m/	/n/	/ɲ/	/ŋ/	
Aproximante	/w/		/j/		

Quadro 2. Fonemas consonantais da língua Yuhup.

3.2 Fones vocálicos

Os fones vocálicos que identificamos no Yuhup são os seguintes:

Inventário dos fones vocálicos

		Anterior	Central	Posterior
Alta	Oral	[i]	[ɨ]	[u]
	Nasal		[ĩ]	[ũ]
Média-alta	Oral	[e]		[o]
	Nasal			[õ]
Média	Oral		[ə]	
	Nasal		[ɛ̃]	
Média-baixa	Oral	[ɛ]		[ɔ]
	Nasal	[ɛ̃]		
Baixa	Oral	[a]		
	Nasal	[ã]		

Quadro 3. Fones vocálicos da língua Yuhup.

(48) [i] Anterior, alta, oral, não arredondada.

[biʔ]	‘enganchar’
[jiw]	‘sangue’
[tipˀ]	‘ovo’

(49) [e] Anterior, média-alta, oral, não arredondada.

[deh]	‘água’
[he]	‘apoiar-se’
[paçˀteˀn]	‘barro’

(50) [ɛ] Anterior, média-baixa, oral, não arredondada.

[weˀn]	‘comer’
[hej]	‘tesoura’
[ɛˀdõ]	‘recém-nascido’

(51) [ẽ] Anterior, média-baixa, nasal, não arredondada.

[pẽj]	‘trovão’
[tẽh]	‘filho’

(52) [a] Anterior, baixa, oral, não arredondada.

[hatˀ]	‘jacaré’
[ah]	‘longe’
[pahˀpa]	‘enxada’

(53) [ã] Anterior, baixa, nasal, não arredondada.

[ãh]	‘eu’
[wãn]	‘lama’

(54) [i] Central, alta, oral, não arredondada.

[biʔ]	‘fazer’
[jih]	‘grama’

(55) [ĩ] Central, alta, nasal, não arredondada.

[hĩpˀ]	‘ralo’
[nĩh tɔh]	‘hoje’

(56) [ə] Central, média, oral, não arredondada.

[pə'həj]	‘barranco’
[pəç]	‘pente’
[tsəb ^m]	‘noite’

(57) [õ] Central, média, nasal, não arredondada.

[põtˀ]	‘pele’; ‘pena’
[sõ]	‘chifre’
[nõw]	‘bom’

(58) [u] Posterior, alta, oral, arredondada.

[puh]	‘espuma’
[tukˀ]	‘ferroar’
[tutˀ]	‘frio’

(59) [ũ] Posterior, alta, nasal, arredondada.

[hũ]	‘caça’
[hũtˀ]	‘fumar’
[nũh]	‘cabeça’

(60) [ɔ] Posterior, média-alta, oral, arredondada.

[sɔ'hɔ]	‘ipadu’
[sɔj]	‘papagaio’
[hɔh]	‘canoa’

(61)[o] Posterior, média-baixa, oral, arredondada.

[po ^g ŋ]	‘grande’
[ho ^h hot ^ʔ]	‘tosse’
[oh]	‘avó’

(62)[õ] Posterior, média-baixa, nasal, arredondada.

[õh]	‘dormir’
[põ]	‘mão’
[mõj]	‘casa’

3.2.1 Sons vocálicos foneticamente semelhantes

Os fones vocálicos listados compõem o inventário fonético da língua Yuhup segundo nossos dados. Compete verificar quais desses fones representam fonemas na língua.

(63)[i] e [i̥] são SFS e apresentam CAA:

[jiw]	‘sangue’	[jih]	‘grama’
-------	----------	-------	---------

Em face dos dados apresentados, não se pode conjecturar que a adjacência do glide [w] determine a ocorrência de [i], ou que a adjacência da fricativa [h] determine [i̥]. Assim, /i/ e /i̥/ são fonemas distintos.

(64)[e] e [ɛ] são SFS e apresentam CAI:

[deh]	‘água’	[dɛh]	‘marcador de plural’
-------	--------	-------	----------------------

Portanto, /e/ e /ɛ/ são fonemas.

(65)[ɛ] e [ẽ] são SFS e apresentam CAA:

[hej]	‘tesoura’	[pẽj]	‘trovão’
-------	-----------	-------	----------

De acordo com os itens lexicais até aqui apresentados, não faz sentido admitir que a contiguidade à consoante [h] condicione a vogal [ɛ], tampouco que a contiguidade a [p] condicione [ẽ]. Por conseguinte, /ɛ/ e /ẽ/ são fonemas na língua.

(72)[o] e [ɔ] são SFS e apresentam CAA:

[bõh] ‘sal’ [bõtʰ] ‘roça’

Diante dos itens lexicais apresentados, não se pode presumir que a contiguidade à fricativa [h] determine a ocorrência da vogal [o], tampouco que a contiguidade à oclusiva [t] determine a ocorrência de [ɔ]. Portanto, /o/ e /ɔ/ são fonemas.

A partir desses dados, chegamos ao seguinte quadro:

Inventário dos fonemas vocálicos²⁵

		Anterior	Central	Posterior
Alta	Oral	/i/	/i/	/u/
	Nasal		/ĩ/	/ũ/
Média-alta	Oral	/e/		/o/
	Nasal			/õ/
Média	Oral		/ə/	
	Nasal		/ã/	
Média-baixa	Oral	/ɛ/		/ɔ/
	Nasal	/ẽ/		
Baixa	Oral	/a/		
	Nasal	/ã/		

Quadro 4. Fonemas vocálicos da língua Yuhup.

Com base no percurso metodológico apresentado, chegamos ao inventário dos fonemas do Yuhup falado na região do igarapé Cunuri, AM. Uma vez que nossa pesquisa contou com apenas um trabalho de campo e quantidade limitada de dados, o quadro que alcançamos consiste em uma proposta preliminar, que consiste em 16 fonemas consonantais: /p, b, t, d, k, g, ʔ, s, ç, h, m, n, j, ŋ, w, j/; e 15 fonemas vocálicos: /i, e, ε, ẽ, a, ã, i, ã, ə, ã, u, ã, o, õ, ɔ/.

²⁵ Cumpre frisar que a distribuição das nasais encontradas nos faz questionar a inexistência das vogais nasais anteriores (/i/; /ẽ/) e posterior (/õ/), já que a pressão do sistema levaria a esperar sua simetria, isto é, para cada vogal oral haveria uma correspondente nasal. Assim, diante dos dados apresentados, cabe a indagação: Seria esse um vazio natural ou acidental? Trata-se de um questionamento que a limitação de nosso *corpus* não nos permite responder nesse momento.

4 SÍLABA

Para Mattoso Câmara (1985: 58), definir o conceito de sílaba representa um árduo problema do ponto de vista fonético. A respeito da estrutura silábica, o autor afirma que depende de um “[...] centro, ou ápice, e do possível aparecimento da fase crescente, ou da fase decrescente, ou de uma e outra em volta dele, ou seja, nas suas margens ou encostas”. Segundo Zec (2007: 163):

Under minimal assumptions, the principal subparts of the syllable are the nucleus and the two margins, the onset and the coda. The nucleus contains the most sonorous segment, where sonority is an abstract property of a segment [...]. Segments typically occurring in the nucleus are represented as V, and those typically in the margins as C. V does not necessarily refer to ‘vowel’. In some languages, the V slot can also be occupied by a consonant [...]²⁶.

Há distintas maneiras de interpretar e descrever a sílaba, desde uma perspectiva mais fonética, analisando-a em função de suas propriedades físicas (articulatórias, sonoras, aerodinâmicas), até abordagens mais fonológicas, priorizando sua função dentro do sistema da língua.

Segundo Collischonn (2005: 101), os estudos em fonologia passaram a se interessar particularmente pela sílaba sobretudo a partir da década de 70, quando ela se tornou aceita como unidade fonológica. Blevins (1995, *apud* CARVALHO, 2013: 63) defende a importância da sílaba na análise fonológica com base em quatro argumentos:

O primeiro argumento mostra a sílaba como domínio (“syllable as domain”), visto que há processos e/ou restrições que se aplicam no domínio da sílaba. O segundo refere-se à fronteira da sílaba como um locus (“syllable edge as locus”), pois há regras fonológicas que se aplicam na fronteira silábica. O terceiro mostra as sílabas como uma estrutura alvo (“syllables as target structures”), já que a sílaba pode funcionar como alvo de jogos de linguagem. Por fim, o quarto argumento diz respeito às intuições nativas (“native intuitions”) que os falantes têm com respeito ao número de sílabas presentes nas palavras.

Nas teorias não lineares, a sílaba é interpretada segundo uma estrutura hierárquica, formada por quatro constituintes: Ataque (A), Rima (R), Núcleo (Nu) e Coda (Co), conforme segue:

²⁶ ‘Presumindo muito pouco, as principais subpartes das sílabas são o núcleo e duas margens, o ataque e a coda. O núcleo contém o segmento mais sonorante, em que sonoridade é uma propriedade abstrata de um segmento [...]. Segmentos tipicamente ocorrentes no núcleo são representados por V, e aqueles típicos das margens por C. V não se refere necessariamente à ‘vogal’. Em algumas línguas, a posição V também pode ser ocupada por uma consoante [...]’ (tradução nossa).

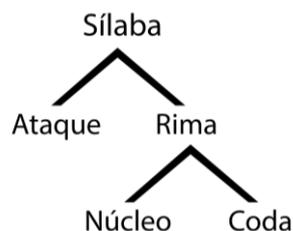


Figura 12. Estrutura arbórea da sílaba segunda a fonologia não linear.

4.1 Segmentos ambivalentes

Assim como muitas línguas, incluindo o português, o Yuhup apresenta segmentos ambivalentes. Segundo Kindell (1981: 91), segmentos ambivalentes “[...] constituem pontos problemáticos na análise fonológica, visto que têm duas funções potenciais: a de consoante e a de vogal”. Dessa forma, a interpretação do segmento como vogal ou consoante leva a diferentes padrões silábicos para a língua. A palavra para ‘vento’ na língua Yuhup, por exemplo, possui um segmento ambivalente no ataque, e pode ser interpretada de duas maneiras:

(73) /ʉoʰotʰ/ (segmento ambivalente interpretado como vogal)

ou

(74) /woʰotʰ/ (segmento ambivalente interpretado como consoante)

Se analisado como vogal, o segmento leva ao molde silábico VV.CVC. Analisado como consoante, o molde resultante é CV.CVC.

Um fator que nos chamou a atenção para a resolução do problema foi a pressão do sistema, já que analisar o segmento como consoante conduz a um inventário silábico mais econômico e regular. Além disso, processos de silabação que ocorrem em fronteira morfológica reforçam essa hipótese, conforme descrito por Ospina (2002: 105): “[...] le comportement consonantique de j et w em frontière morphologique lorsque le morphème suivant commence par une voyelle – syllabation en attaque – nous a convaincu qu’il s’agit d’une position C”.

Assim, por exemplo, a palavra /hej aŋ/ (‘milho’), em que o segmento ambivalente precede a vogal da sílaba seguinte, é pronunciada [hɛ ja^hŋ]. Nesse caso, o segmento ambivalente é incorporado ao ataque da outra sílaba, ocupando a posição de margem silábica típica das consoantes.

Conforme demonstrado anteriormente, identificamos dois segmentos ambivalentes no Yuhup, /w/ e /j/, ambos interpretados como consoantes aproximantes. Com base nisso, podemos analisar o padrão silábico da língua.

4.2 Sílabas no Yuhup

Zec (2007: 162) adverte que, diante do inventário de segmentos de uma língua, nem todas as combinações possíveis ocorrem: “The distribution of segments is highly constrained: in any given language, the set of occurring sequences presents only a fraction of the much larger set that would result from a free concatenation of members of its segment inventory²⁷”. Nas sílabas da língua Yuhup, não observamos codas ou ataques complexos, e nem todas as consoantes podem ocupar as margens silábicas. No ataque, não ocorrem as consoantes /ç, ɲ/. Na posição de travamento silábico, as oclusivas vozeadas /b, d, g/ são restritas.

O léxico do Yuhup apresenta elevada ocorrência de palavras monossilábicas. Embora não tão numerosos, os dissílabos também são frequentes na língua, alguns dos quais parecem indicar processos de reduplicação fossilizados na língua. Palavras trissilábicas são raras, e normalmente consistem em empréstimos a partir de outras línguas indígenas ou do português, como [pa'pɛra] ('papel') e [mu'turu] ('motor'), provavelmente via nheengatu.

De acordo com Zec (2007: 163), o molde silábico CV aparece em todos os inventários de línguas, e apresenta o estatuto especial de sílaba menos marcada. Na língua Yuhup, entretanto, a sílaba CV apresenta baixa ocorrência. Em levantamento realizado por Ospina (2002: 101) com 1.920 palavras, a estrutura universalmente não marcada CV representou apenas 6% do *corpus*, ao passo que ao padrão CVC coube o percentual de 85%, discrepância compatível com os nossos dados. De acordo com os dados que coletamos, além de CV e CVC, o Yuhup também apresenta o padrão VC.

Nos dissílabos, os padrões encontrados são CVC e CV, com a ocorrência de palavras com a divisão silábica CVC.CVC, CVC.CV, CV.CVC e CV.CV. Os trissílabos, por sua vez, apresentam sempre a estrutura CV.CV.CV. Dessa maneira, a sílaba máxima do Yuhup pode ser representada por (C)V(C). Demonstramos a seguir os três padrões silábicos encontrados, segundo o modelo da fonologia não linear:

²⁷ ‘A distribuição de segmentos é altamente restrita: em uma dada língua, o conjunto de sequências que ocorrem apresenta apenas uma fração do conjunto muito maior que resultaria da livre concatenação dos membros de seu inventário de segmentos’ (tradução nossa).

Apresentamos alguns exemplos de divisão silábica no Yuhup:

(C)V(C)

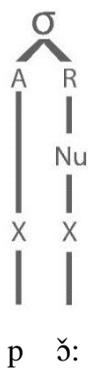
(78)	/waç/	‘macaco’	CVC
(79)	/pǎ/	‘igapó’	CV
(80)	/ãh/	‘eu’	VC
(81)	/bəh.ˈbəŋ/	‘cubiú’	CVC.CVC
(82)	/hej.ˈaŋ/	‘milho’	CVC.CV
(83)	/pə.ˈhəj/	‘barranco’	CV.CVC
(84)	/bɔ.ˈka/	‘prato’	CV.CV
(85)	/ku.ˈru.sa/	‘cruz’	CV.CV.CV

Demonstramos a seguir a estrutura silábica dessas palavras segundo a fonologia não linear:

(86) /waç/ ‘macaco’



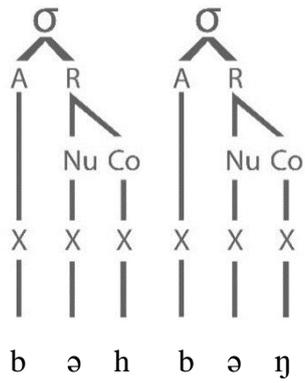
(87) /pǎ/ ‘igapó’



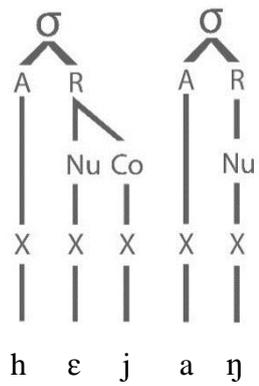
(88) /ãh/ 'eu'



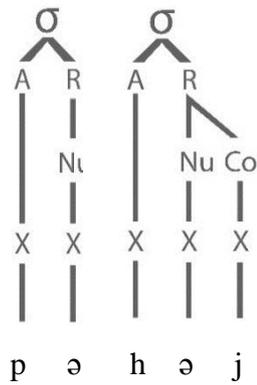
(89) /bəh.'bəŋ/ 'cubiú'



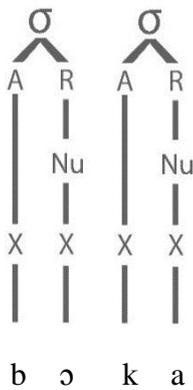
(90) /hɛj.aŋ/ 'milho'



(91) /pə.'həj/ 'barranco'

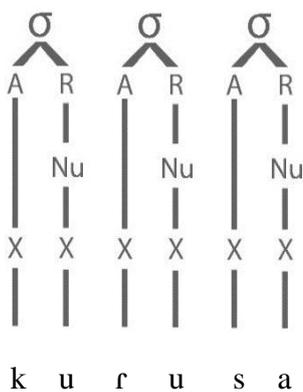


(92) /bɔ.'ka/ 'prato'



As palavras de três sílabas são empréstimos de outras línguas, como o português. Nesses casos, as palavras que possuem ataque ou coda complexa são adaptadas às regras de formação silábica na língua. Para o caso de 'cruz', empréstimo do português via nheengatu, um processo de epêntese origina a estrutura CV.CV.CV, conforme segue:

(93) /ku.'ru.sa/ 'cruz'



5 ACENTO

De acordo com Kager (2007: 195), acento é uma propriedade ligada à maior proeminência relativa na realização das sílabas de uma palavra. Nesse caso, não se trata de uma característica intrínseca às sílabas acentuadas, mas de um atributo relacional entre sílabas “fortes” e “fracas”. Segundo o autor:

There is no unique phonetic property corresponding to stress, although it is cross-linguistically highly common for stressed syllables to have higher pitch levels, longer duration, and greater loudness than unstressed syllables. Tones tend to be attracted to stressed syllables [...]. Yet, stress is clearly different from tone in the sense that stress does not assimilate, neither locally between adjacent syllables, nor across longer distances. Cross-linguistically, relations between segmental properties and stress are common. The vowels of stressed syllables are prone to lengthen, while those of unstressed syllables may undergo reduction. Stressed syllables tend to license a larger set of vowels than unstressed syllables²⁸ (KAGER, *op. cit.*: 195).

Embora não seja uma característica inerente à sílaba, sua relação com o acento é aceita pela grande maioria das teorias fonológicas. Conforme Massini-Cagliari (1992: 71):

“[...] todos se sentiram obrigados, de uma maneira ou de outra, a se referir à sílaba ao tratar desses fenômenos ou de alguns processos fonológicos cuja ocorrência estava ligada à presença ou não de fronteiras silábicas ou a determinada posição do(s) segmento(s) em questão na sílaba.

Na fonologia métrica, o acento passa a ser encarado como um fenômeno relacionado ao ritmo e de natureza suprasegmental, isto é, que se manifesta em um nível distinto ao dos segmentos. Segundo Maia (1981b: 260-261, *apud* Massini-Cagliari, *op. cit.*: 80):

A essência da teoria métrica reside em reivindicar a necessidade de unidades supra-segmentais independentes que se relacionam sistematicamente à cadeia segmental. [...] Na descrição métrica, as unidades supra-segmentais constituem uma sub-representação autônoma, que se sobrepõe à representação segmental, a ela se associando sistematicamente através de um repertório restrito de estruturas arbóreas. Assim, a subordinação dos

²⁸ ‘Não há uma propriedade fonética única correspondente a acento, embora seja muito comum croslinguisticamente que sílabas acentuadas tenham maiores alturas, duração e sonoridade que sílabas não acentuadas. Tons tendem a ser atraídos a sílabas acentuadas [...]. Ainda assim, acento é claramente diferente de tom no sentido de que o acento não é assimilado, nem localmente entre sílabas adjacentes, nem através de grandes distâncias. Relações entre propriedades segmentais e acento são comuns croslinguisticamente. As vogais de sílabas acentuadas são propensas a se alongar, ao passo que as sílabas não acentuadas sofrem redução. Sílabas acentuadas tendem a licenciar um conjunto maior de vogais do que as não acentuadas’ (tradução nossa).

segmentos a unidades maiores tais como a sílaba se expressa diretamente através de relações de dominância [...].

Desse modo, essas estruturas arbóreas permitem organizar os constituintes em níveis de hierarquia. Segundo Massini-Cagliari (*op. cit.*: 80), “[...] os segmentos são subordinados a um constituinte maior – a sílaba – que, por sua vez, também está subordinado a outros constituintes, de ordem rítmica”. A representação desses níveis ocorre da seguinte forma:

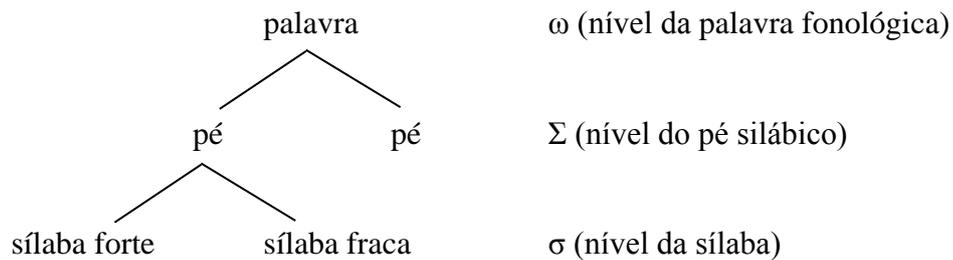
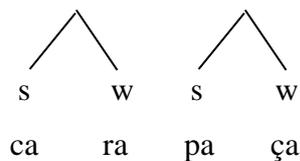


Figura 13. Representação de níveis em estrutura arbórea segundo a fonologia não linear.

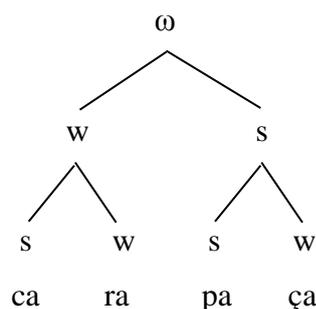
Além disso, as árvores métricas demonstram as relações de proeminência nas sílabas, em que cada ramificação apresenta o contraste entre fortes e fracas, de maneira binária. Nesses casos, as sílabas fortes são representadas por “s” (*stronger*), e as fracas, por “w” (*weaker*). Para ilustrar, apresentamos os nós binários, conforme proposto por Liberman e Prince (1977), para a palavra *carapaça*:

(94)

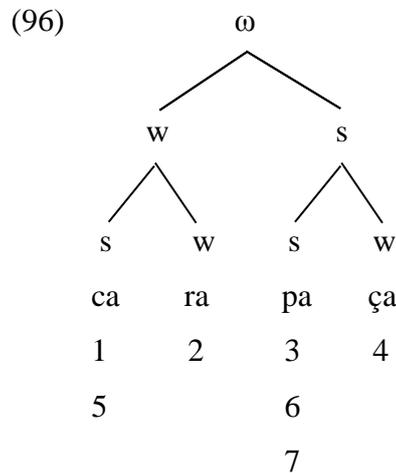


Nesse caso, a construção da estrutura arbórea leva ao seguinte esquema:

(95)

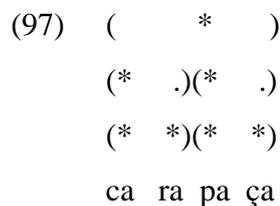


Representação que, por sua vez, pode ser combinada à grade métrica, que indica a hierarquia dos acentos de acordo com as linhas (níveis) em que os núcleos silábicos são numerados, como a seguir:



Essa notação reúne duas estruturas, a estrutura arbórea e a grade métrica. De acordo com Collischonn (*op. cit.*: 125), “Tal duplicidade nos modos de representação do acento era indesejável e, por este motivo, os estudos que se seguiram a Liberman e Prince (1977) procuraram reduzir a representação a apenas um dos modos”.

Na representação por meio das grades métricas, em vez de algarismos, Halle e Vergnaud (1987, *apud* COLLISCHONN, *op. cit.*: 125) marcam as sílabas fortes (cabeças) por asteriscos (*), e as fracas, por pontos (.). Para ilustrar o procedimento, construímos a grade métrica para a palavra *carapaça*:



De acordo com Collischonn, outra noção importante é o peso silábico:

[...] sílabas pesadas são aquelas que têm rima ramificada (sílabas terminadas em consoante ou formadas por ditongo ou por vogal longa) e que essas sílabas têm, em muitas línguas, a propriedade de atrair o acento. Diz-se, então, que o acento é sensível ao peso silábico. Muitas línguas combinam um sistema de acento [...], em que o acento cai em determinadas posições, com a sensibilidade ao peso. (COLLISCHONN, *op. cit.*: 128.)

Em seguida, a autora apresenta os três tipos de sistemas propostos por Hayes:

(a) os sistemas insensíveis ao peso silábico, com constituintes binários de cabeça à esquerda, (b) os sistemas sensíveis ao peso, com constituintes binários de cabeça à esquerda e (c) os sistemas com constituintes binários com cabeça à direita. A cada um desses sistemas corresponde um tipo de pé [respectivamente]: o troqueu silábico, o troqueu mórico e o iambo [...]. (COLISCHONN, *op. cit.*: 130. Grifos da autora.)

Assim, o *troqueu silábico* é um pé formado por duas sílabas, com cabeça (sílabas mais forte) à esquerda. O *troqueu mórico* também tem cabeça à esquerda, mas leva em consideração o peso silábico, contado em moras (μ), em que duas unidades (moraicas) formam um pé. Nesse caso, cada sílaba pesada (isto é, com rima ramificada) possui duas moras, e forma um pé. O *iambo* também considera o peso silábico, mas, ao contrário do troqueu mórico, constrói cabeça à direita (ou seja, possui proeminência final).

O modelo de Hayes prevê somente pés binários, que são formados por duas sílabas ou duas moras – a não ser pelos pés degenerados, que se formam a partir de uma única sílaba ou mora. Outro aspecto importante é que ambos os pés podem ser construídos da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, e a construção pode ser iterativa (os pés continuam a ser construídos até o fim da palavra) ou não (o processo não se repete após o primeiro pé).

5.1 Acento no Yuhup

O acento no Yuhup é fixo e se realiza sempre na sílaba mais à direita, isto é, possui proeminência final. O padrão acentual é iâmbico e não iterativo, porque os pés se formam apenas uma vez para cada palavra. Segundo Zec (*op. cit.*: 201), o padrão iâmbico pode apresentar três configurações: (a) duas sílabas leves; (b) uma sílaba pesada; (c) uma sílaba leve mais uma pesada; além da sílaba degenerada (d). Reproduzimos a seguir essas formas:

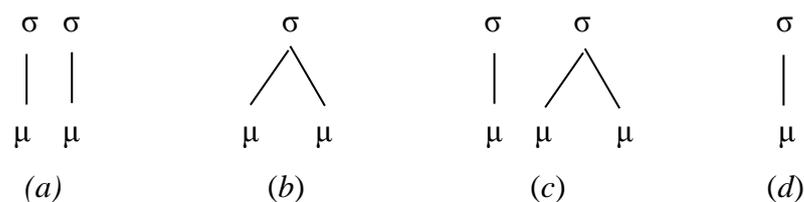


Figura 14. Representação de níveis em estrutura arbórea segundo a fonologia não linear.

O léxico do Yuhup é formado predominantemente por palavras monossilábicas, que em sua grande maioria também são monomorfêmicas. Com base nas informações expostas e a partir do nosso *corpus*, apresentamos a seguir alguns exemplos do acento na língua Yuhup:

(98)	[ãh]		‘eu’
(99)	[hə ^b m]		‘ano’; ‘verão’
(100)	[pə ^h həj]		‘barranco’
(101)	[ke:]	‘asa’	
(102)	[kəʔ]	‘osso’; ‘demiurgo’	
(103)	[ju ^h hup ^ˀ]	‘pessoa’	

A fim de demonstrar o padrão acentual iâmbico não iterativo, aplicamos o modelo da grade parentetizada de Hayes (1995), na maneira que segue:

(104)	Nível de ProPal	(*)		
	Nível do pé	(*)		
	Nível da sílaba	σ		
		ãh		‘eu’
(105)	Nível de ProPal	(*)		
	Nível do pé	(*)		
	Nível da sílaba	σ		
		hə ^b m		‘ano’; ‘verão’
(106)	Nível de ProPal	(*)		
	Nível do pé	(*)		
	Nível da sílaba	σ σ		
		pə.həj		‘barranco’
(107)	Nível de ProPal	(*)		
	Nível do pé	(*)		
	Nível da sílaba	σ		
		ke:		‘asa’

- | | | | | |
|-------|-----------------|---------------------|--|--------------------|
| (108) | Nível de ProPal | (*) | | |
| | Nível do pé | (*) | | |
| | Nível da sílaba | σ | | |
| | | kəʔ | | ‘osso’; ‘demiurgo’ |
| | | | | |
| (109) | Nível de ProPal | (*) | | |
| | Nível do pé | (. *) | | |
| | Nível da sílaba | σ σ | | |
| | | ju.hup ^ˀ | | ‘pessoa’ |

As palavras polimorfêmicas consistem em uma palavra simples concatenada a dois ou mais morfemas, que podem corresponder a outras palavras simples (predominantemente monomorfêmicas e monossilábicas) ou afixos. Como resultado, a última sílaba da primeira palavra recebe o acento secundário, e a última sílaba da última palavra recebe o acento primário (proeminência final), como se pode verificar nos exemplos:

- (110) [ju^hhup^ˀ] # [dɛh] → [ju_ˀhup^ˀdɛh] ‘pessoas’
 ↓ ↓
 ‘pessoa’ ‘marcador de plural’

- (111) [ju^hhup^ˀ] # [ho^dn] → [ju_ˀhup^ˀho^dn] ‘cova’
 ↓ ↓
 ‘pessoa’ ‘buraco’

- (112) [mɔ̃m] # [hɔh] → [mɔ̃m^hhɔh] ‘voadeira’
 ↓ ↓
 ‘metal’ ‘canoa’

(113) [kəʔ] # [tẽh] # [mõj] → [kəʔtẽh'mõj] 'igreja'
 ↓ ↓ ↓
 'osso'; 'demiurgo' 'filho' 'casa'

(114) [mĩh] # [nõw] → [mĩh'nõw] 'paca'
 ↓ ↓
 'jabuti' 'bom'

(115) [tə'mih] # [tẽh] → [tə,mih'tẽh] 'igarapé'
 ↓ ↓
 'rio' 'filho'

A aplicação do modelo da grade parentetizada de Hayes (1995) leva aos seguintes esquemas:

(116) Nível de ProComp (*)
 Nível de ProPal (*) (*)
 Nível do pé (. *) (*)
 Nível da sílaba σ σ σ
 ju.hup.dɛh 'pessoas'

(117) Nível de ProComp (*)
 Nível de ProPal (*) (*)
 Nível do pé (. *) (*)
 Nível da sílaba σ σ σ
 ju.hup.ho^dn 'cova'

(118) Nível de ProComp	(*)	
Nível de ProPal	(*) (*)	
Nível do pé	(*) (*)	
Nível da sílaba	σ σ	
	məm.həh	‘voadeira’

(119) Nível de ProComp	(*)	
Nível de ProPal	(*) (*) (*)	
Nível do pé	(*) (*) (*)	
Nível da sílaba	σ σ σ	
	kəʔ.tɛh.mɔj	‘igreja’

(120) Nível de ProComp	(*)	
Nível de ProPal	(*) (*)	
Nível do pé	(*) (*)	
Nível da sílaba	σ σ	
	mĩh.nəw̃	‘paca’

(121) Nível de ProComp	(*)	
Nível de ProPal	(*) (*)	
Nível do pé	(. *) (*)	
Nível da sílaba	σ σ σ	
	tə.mih.tɛh	‘igarapé’

Os empréstimos da língua Yuhup não seguem necessariamente seu padrão acentual fixo, com previsível proeminência final. Para ilustrar alguns casos, apresentamos três palavras tomadas a partir do português e duas a partir de outras línguas indígenas:

(122)	[boro ¹ ro]	‘curupira’
(123)	[ka ¹ riwa]	‘branco’ (não índio)
(124)	[ku ¹ rusa]	‘cruz’
(125)	[pa ¹ pɛra]	‘papel’
(126)	[sa ¹ kaja]	‘zagaia’

A palavra [boro¹ro], tomada a partir do tukano, coincide com o padrão acentual do Yuhup, em razão da sua proeminência final. No entanto, em [ka¹riwa], tomada a partir do nheengatu, a sílaba de maior saliência é a penúltima, respeitando o acento que a palavra emprestada “trouxe” consigo. Com a palavra [ku¹rusa], incorporada do português²⁹, a inexistência de ataques complexos no Yuhup levou à inclusão de uma vogal epentética na primeira sílaba de [krus], o que conduziria à forma hipotética [kurus]. Já a epêntese da sílaba final pode ser uma estratégia para vedar a presença da fricativa alveolar na posição de travamento silábico, o que não é observado na língua. Com isso, a sílaba CCVC assume o padrão CV.CV.CV. Nesse caso, a vogal acentuada permanece a mesma, mas a nova estrutura da palavra faz que a sílaba de maior saliência seja a penúltima.

Nos empréstimos a partir do português que listamos, ocorrem processos que alteram a estrutura das palavras de acordo com as restrições do Yuhup. Na palavra [sa¹kaja], a mudança ocorre no domínio do segmento. Pode se verificar que a fricativa alveolar vozeada [z], que não faz parte do inventário fonético da língua, é substituída pela sua homorgânica desvozeada [s], realizada normalmente pelos falantes. Além disso, verificamos o desvozeamento da oclusiva velar [g], substituída por [k]. Interessante notar que, no caso da consoante velar, a mudança não substitui um fone estranho à língua por outro que lhe seja familiar, pois a oclusiva velar vozeada [g] é fonema no Yuhup, o que faz questionar a razão desse fenômeno. Uma possível explicação seria a influência do desvozeamento da primeira consoante sobre a segunda, que “assimilaria” esse traço em decorrência de uma acomodação articulatória. Essa hipótese deriva de uma observação preliminar do processo e não carrega a pretensão de deslindá-lo, já que este não é o escopo da presente seção.

²⁹ Uma vez que o termo [kuru¹sa], do Nheengatu, é oxítono, e a palavra do Yuhup é [ku¹rusa], paroxítona, optamos pela hipótese de que se trata de empréstimo a partir do português, conforme nos informaram os velhos da aldeia.

Na palavra [pa'pera], as restrições dizem respeito ao domínio da sílaba, e derivam do processo de rotacismo. Assim, a líquida [l] em posição de travamento silábico, estranha à fonologia do Yuhup, é substituída pela sua homorgânica [r]. No entanto, como o tepe [r] só ocorre em ambiente intervocálico, a inclusão da epêntese satisfaz a restrição fonotática da língua, de maneira que a palavra com estrutura CV.CVC seja adaptada para CV.CV.CV. Nessa nova estrutura, o acento passa à penúltima sílaba.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território amazônico é marcado por uma exuberância socioambiental singular, reconhecida por pesquisadores do mundo inteiro. Segundo Epps e Salanova:

Do ponto de vista linguístico, a Amazônia é uma região de uma riqueza praticamente infinita. Nessa região, que definimos aqui como abarcando a bacia do Amazonas e do Orinoco, e as regiões adjacentes nas cabeceiras do rio Paraguai, encontram-se aproximadamente 300 línguas indígenas, que pertencem a mais de 50 unidades genéticas diferentes (EPPS & SALANOVA, 2012: 8).

Ainda assim, sua profusão sociocultural é apenas superficialmente conhecida pelo mundo e investigada pela ciência. De acordo com Dixon e Aikhenvald:

The Amazon basin is the least known and least understood linguistic region in the world. Maps of the language families of South America (with one colour for each genetic group) purvey an impression of anarchy – there are dabs of yellow and blue and red and orange and brown mingled together like a painting by Jackson Pollock³⁰ (DIXON & AIKHENVALD, 1999: 1).

Embora o volume de estudos linguísticos e antropológicos na região tenha se elevado nos últimos anos, esse número ainda é muito pequeno diante do que pode ser feito e descoberto. Nesse sentido, é essencial ampliar, aprofundar e atualizar os conhecimentos sobre os sistemas sociais e linguísticos característicos daquele espaço, que muito têm a contribuir com as demais culturas. É nesse quadro que se insere a pesquisa de dissertação que empreendemos, ao desenvolver um estudo linguístico com o povo Yuhupdeh, falante da língua Yuhup.

Este trabalho teve como escopo a realização de uma análise de natureza fonética e fonológica da língua Yuhup, filiada à família linguística Nadahup. Nossos dados nos permitiram chegar a algumas conclusões, tratadas ao longo da dissertação, conforme segue.

A seção 1 contextualizou o trabalho de campo, expôs as condições em que ele foi realizado e apresentou os aspectos teórico-metodológicos que embasaram tanto a elaboração de nosso *corpus* quanto o percurso analítico da pesquisa.

³⁰ ‘A bacia amazônica é a região linguística menos conhecida e linguisticamente compreendida no mundo. Mapas das famílias linguísticas da América do Sul (com uma cor para cada grupo genético) transmitem uma impressão de anarquia – há pontilhados de amarelo e azul e vermelho e laranja e marrom misturados como uma pintura de Jackson Pollock’ (tradução nossa).

Na seção 2, discutimos as características socioculturais do povo, demonstramos a filiação genética da família linguística e desenhamos um panorama geral dos estudos linguísticos anteriores abordando a língua Yuhup.

Em seguida, a seção 3 apresentou a análise fonêmica da língua, incluindo o inventário dos fones consonantais e vocálicos identificados, e chegando ao quadro de fonemas do Yuhup, que consiste em 16 fonemas consonantais: /p, b, t, d, k, g, ʔ, s, ç, h, m, n, ɲ, ŋ, w, j/; e 15 fonemas vocálicos: /i, e, ε, ĩ, a, ã, í, î, ə, ã, u, ũ, o, õ, ɔ/.

Na seção subsequente, de número 4, nos dedicamos ao estudo da estrutura silábica da língua segundo as teorias não lineares. Discutimos o conceito de segmentos ambivalentes, justificando a interpretação dos glides /w/ e /j/, e propusemos os moldes silábicos do Yuhup, que consistem nos padrões CVC, CV e VC.

A seção 5, que encerra as análises, contemplou o estudo do acento na língua de acordo com os pressupostos da fonologia métrica. Por meio da elaboração de grades parentetizadas, demonstramos que o acento em Yuhup é fixo e recai sempre sobre a última sílaba da palavra (proeminência final). Em palavras polimorfêmicas, que se constituem a partir de dois ou mais morfemas, o acento primário permanece na última sílaba da palavra, e o acento primário recai sobre a sílaba final do primeiro morfema. Nos casos de empréstimos, a acentuação não segue necessariamente o padrão do Yuhup, em função dos ajustes fonotáticos da língua.

Como toda língua natural, o Yuhup apresenta uma maneira singular de perceber o mundo e conferir sentido a ele. O percurso ancestral da sua etnia, as estratégias de adaptação à história, a materialização da sua cultura sob inúmeras formas – tudo isso elaborou um modo de existir específico e um repertório de conhecimentos que estão profundamente conectados a sua língua. É nosso privilégio ter realizado um estudo com a língua Yuhup, consideradas todas as dificuldades inerentes a esse tipo de trabalho. E é nosso dever compartilhar os resultados alcançados, ainda que preliminares e pontuais, no intuito de que nosso esforço possa contribuir para a preservação e difusão da cultura Yuhupdeh.

No que concerne aos limites de nossa investigação, cumpre esclarecer que não nos foi possível o aprofundamento em certos aspectos da fonologia em função do tempo relativamente curto de convívio com os falantes e levantamento lexical de que dispusemos. Essas questões, porém, se colocam como possibilidades abertas para a realização de novos estudos.

REFERÊNCIAS

- BOTMA, B. Nasal harmony in Yuhup: a typological anomaly? In: KULA, N. & VAN DE WEIJER, J. (orgs.). *Papers in Government Phonology: special issue of Leiden Papers in Linguistics*. 2.4, Universidade de Leiden, pp. 1-21, 2005.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. Aspectos Metodológicos da Fonética e da Fonologia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (Orgs.). *Ciências da Linguagem: o fazer científico?* Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 65-87.
- CARINO, J. Poverty and Well-Being. In: UN Permanent Forum on Indigenous Issues (UNPFII). *State of the World's Indigenous Peoples*, 2010. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4b6700ed2.html>>. Acesso em: 29 dez. 2016.
- CARVALHO, M. C. M. *Análise fonológica da língua Deni (Arawá)*. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual ‘Júlio de Mesquita Filho’ UNESP, Campus Araraquara, 2013.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Aletre: EDIPUCRS, 2005.
- CRYSTAL, D. *Language diversity, endangerment, and public awareness*. British Academy Review. p. 12–20. 2011.
- DEL VIGNA, D. *Segmentos complexos da língua Yuhup*. Brasília: UnB, 1991 (dissertação de mestrado).
- DEL VIGNA, D. & LOPES, A. B. *Fonologia preliminar da língua Yuhup*. Arquivo Lingüístico, ALEM, 1987.
- DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Orgs.). *The Amazonian languages*. New York: Cambridge University Press, 1999.
- EPPS, P. *A Grammar of Hup*. Charlottesville: University of Virginia, 2005.
- EPPS, P.; SALANOVA, A. P. (2012). A linguística amazônica hoje. In: *Liames 12*, pp. 07–37.
- EPPS, P.; STENZEL, K. (Orgs.). *Upper Rio Negro: cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, Museu Nacional, 2013.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil & Blackwell. 1990.
- HAYES, B. *Metrical stress theory: principles an case studies*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995.

IBGE. *Censo 2010*. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/20ds7>>. Acessado em: 04 mar. 2016.

_____. Caderno temático: populações indígenas. In: *Atlas nacional digital do Brasil 2016*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/atlas_nacional/>. Acessado em: 15 ago. 2016.

JORE, D. & JORE, C. *Análise Preliminar da Língua Yahup*. Brasília: SIL, 1980.

KAGER, R. Feet and metrical stress. In: LACY, P. (org.). *The Cambridge handbook of phonology*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2007.

KINDELL, G. E. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1981.

KIPURI, N. Culture. In: UN Permanent Forum on Indigenous Issues (UNPFII). *State of the World's Indigenous Peoples*, 2010. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4b6700ed2.html>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. *On stress and linguistic rhythm*. Linguistic Inquiry 8. Cambridge, Massachusetts, MIT Press, p. 249-336. 1977.

LOLLI, P. *As redes de trocas rituais dos Yuhupdeh no igarapé Castanha, através dos benzimentos (mihdiid) e das flautas Jurupari (Ti')*. 2010. 206 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. População. In: ISA. *Povos indígenas do Brasil*, 2014. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/yuhupde/1926>>. Consultado em: 22/10.

LOPES, A. B. *Fonologia da língua Yuhup: uma abordagem não-linear*. 1995. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UFSC, Florianópolis, 1995.

LOPES, A. B. & PARKER S. *Aspects of Yuhup phonology*. International Journal of American Linguistics, Vol. 65, No. 3, pp. 324-342. 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, J. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

OSPINA BOZZI, A. M. *Morfología del verbo en la lengua macú yujup*. Dissertação (Mestrado em Etnolinguística). Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes, Bogotá, 1995.

_____. *Morphologie du nom et du verbe en yuhup*. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica, Formal e Automática). Paris: Université Paris 7, 1998.

_____. *Le système aspecto-temporel dans la langue yuhup makú* (Colombie). Actances, 10, 119-136. 1999.

_____. Algunos aspectos de la fonología de la lengua yuhup macú. In: *Tercer Congreso de Lingüística amerindia y criolla*, 1996, Villeta. Memorias 6 (pp. 47-71). Bogotá: Universidad de los Andes. 2000.

_____. *Les structures élémentaires du yuhup makú, langue de l'Amazonie colombienne*. Paris: Université Paris 7 - Denis Diderot, 2002 (tese de doutorado).

_____. *Allá donde las gentes hablan, los perros gritan y los jaguares silban: Una aproximación etnolingüística a la lengua yuhup*. Manuscrito enviado para publicación. 2004.

_____. Clasificación nominal en yuhup. In: *Amerindia* 29/30, 179-194. Paris, 2004-2005.

_____. Predicates in Yuhup. In: W. Leo Wetzels (org.). *Language Endangerment and Endangered Languages: Linguistic and Anthropological Studies with Special Emphasis on the Languages and Cultures of the Andean-Amazonian Border Area*. (pp. 191-207). Serie Indigenous Languages of Latin America (illa). Publications of the Research School of Asian, African, and Amerindian Studies (cnw s). Leiden: Leiden University, 2007.

_____. *Claves para la comprensión de las relaciones entre la lengua, la cultura y la sociedad Yuhup: una perspectiva etnolingüística*. Bogotá: Forma Y Función, 2007.

_____. *Productivité et intégration des prédicats complexes en Yuhup, langue de l'Amazonie Colombienne*. Faits de Langues, Les Cahiers. Paris: Editions Ophrys, 2009.

_____. *Clases de raíces léxicas em Yuhup*. Bogota, Universidad Nacional de Colombia, 2010.

POZZOBON, J. *Sociedade e Improviso: Estudo sobre a (des)estrutura Social dos Índios Maku*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2011.

PIKE, K. L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1971.

REINA, L. (1986). *Análisis fonológico lengua makú - Amazonas*. 1986. Dissertação (Mestrado em Etnolingüística) - Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes, Bogotá, 1986.

REINA, L. *Aspectos generales sobre la morfología de la lengua juhup-makú*. Informe. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología, 1991.

REINA, L. Los macúes, lengua ju'hupde: aspectos de la fonología. In: GONZÁLEZ DE PÉREZ, M. S., RODRÍGUEZ DE MONTES, M. L. (orgs.). *Lenguas Indígenas de Colombia: una visión descriptiva* (pp. 537-546). Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2000.

RODRIGUES, A. D. 1966. Tarefas da lingüística no Brasil. In: *Estudos Lingüísticos* (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada), vol. 1, n. 1, p. 4-15. Disponível em: <http://biblio.etnolingüística.org/rodrigues_1966_tarefas>. Acesso em: 29 dez. 2016.

SAUSURRE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEKI, L. *A linguística indígena no Brasil*. Revista D.E.L.T.A., v. 15, n.º especial, 1999.

_____. *Línguas indígenas do Brasil no limiar do século xxi*, Revista Impulso, v. 1, n.º 27, Piracicaba, 2000.

SILVA, C. & SILVA, E. *A escrita dos Yuhupdeh: o registro ortográfico de uma língua indígena do Alto Rio Negro*. Revista Antropos, Vol. 1. Ano 1, Novembro de 2007a.

_____. *Análise fonológica da língua Yuhup*. Manaus: Pró-Amazônia, 2007b.

_____. *Yuhupdeh diíd: Caderno de alfabetização e proposta ortográfica da língua Yuhup*. Manaus: Pró-Amazônia, 2007c.

_____. *Fonologia e ortografia Yuhup*. Manaus: Pró-Amazônia, 2008.

_____. *A língua dos yuhupdeh: introdução etnolinguística, dicionário Yuhup-Português e glossário semântico-gramatical*. São Gabriel da Cachoeira: Pró-Amazônia, 2012.

SILVA, D. *Descrição Fonológica da Língua Terena (Aruak)*. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, 2009.

Stenzel, Kristine. 2005. Multilingualism in the Northwest Amazon, revisited. In: *Annals of the II Congress on Indigenous Languages of Latin America (CILLA)*. Austin, Texas. Disponível em: <http://www.ailla.utexas.org/site/cilla2_toc_sp.html>. Acesso em: 29 dez. 2016.

The mindscape of Alan Moore. Direção: Dez Vylenz; Moritz Winkler. Shadowsnake Films; Tale Filmproduktion, 2005. 80 min. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4Uh2jaFPM-E>>. Acesso em: 23 set. 2016.

WALKER, R. Yuhup prosodic morphology and a case of augmentation. In: HIROTANI, M. (org.), *Proceedings of NELS 32*. Nova Iorque: 551-62, 2002.

ZEC, D. The Syllable. In: LACY, P. (org.). *The Cambridge handbook of phonology*. New York: Cambridge University Press, 2007.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, W. C. *A nasalização na língua Dâw*. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - USP, São Paulo, 2014.
- ATA da Câmara da Vila de Santana das Cruzes de Mogi Mirim*. 21 jan. 1617. Manuscrito depositado no Arquivo Histórico e Pedagógico de Mogi das Cruzes. Caderno 1, 5r.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CENTRO de Gestão e Estudos Estratégicos – CGEE. *Apoio à criação de uma instituição de ensino superior indígena*. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora Ltda., 2014.
- ELSON, P. & PICKETT, V. *An introduction to morphology and syntax*. Summer Institute of Linguistics: California, 1962.
- FARGETTI, C. M. *Análise fonológica da língua Juruna*. 1992. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Unicamp, Campinas, 1992.
- _____. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. 2001. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Unicamp, Campinas, 2001.
- _____. Pesquisa de línguas indígenas – questões de método. In: DEL RÉ, A. *et al* (orgs.). *Estudos linguísticos contemporâneos: diferentes olhares*. Série Trilhas Linguísticas – 23, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- HERNANDORENA, C. L. M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- MARQUES, B. R. *Figuras do movimento: os Hupdah na literatura etnológica do Alto Rio Negro*. 2009. 192 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFRJ, Museu Nacional, 2009.
- NEVES, M. H. M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- RAMOS, D. P. *Círculos de coca e fumaça: encontros noturnos e caminhos vividos pelos Hupd'äh (Maku)*. 2013. 469 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - USP, São Paulo, 2013.
- REDE Rio Negro (RRN). *Bacia do Rio Negro: uma visão socioambiental*. São Gabriel da Cachoeira: RRN, 2015.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo, Edições Loyola, 2002.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

UNESCO ad Hoc Expert Group on Endangered Languages (2003). *Language Vitality and Endangerment*. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf>>. Acessado em 29 dez. 2016.

ZUKHANG, S. Foreword to the State of the World's Indigenous Peoples. In: UN Permanent Forum on Indigenous Issues (UNPFII). *State of the World's Indigenous Peoples*, 2010. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4b6700ed2.html>>. Acesso em: 29 dez. 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A

EXPERIÊNCIA NA TERRA INDÍGENA DO ALTO RIO NEGRO

Este apêndice traz parte da documentação visual de nossa experiência em campo, transcorrida entre os dias 5 e 26 de outubro de 2015, na região conhecida como *cabeça do cachorro*, AM. A apresentação das imagens, de nossa própria autoria (com exceção de uma, devidamente creditada), cumpre o intuito de ilustrar nosso trabalho de campo e retratar as características daquele espaço privilegiado do ponto de vista cultural e linguístico, a fim de favorecer a contextualização da pesquisa discutida e contribuir para a compreensão dos modos de ser dos Yuhupdeh.



Foto 1. São Gabriel da Cachoeira, bairro com vista para o rio Negro, 2015.



Foto 2. São Gabriel da Cachoeira, vista da orla do rio Negro em período de baixa das águas, 2015.



Foto 3. Catedral de São Gabriel da Cachoeira vista a partir da orla do rio Negro, 2015.



Foto 4. Corredeiras e rochas expostas pela baixa das águas do rio Negro. São Gabriel da Cachoeira, AM, 2015.

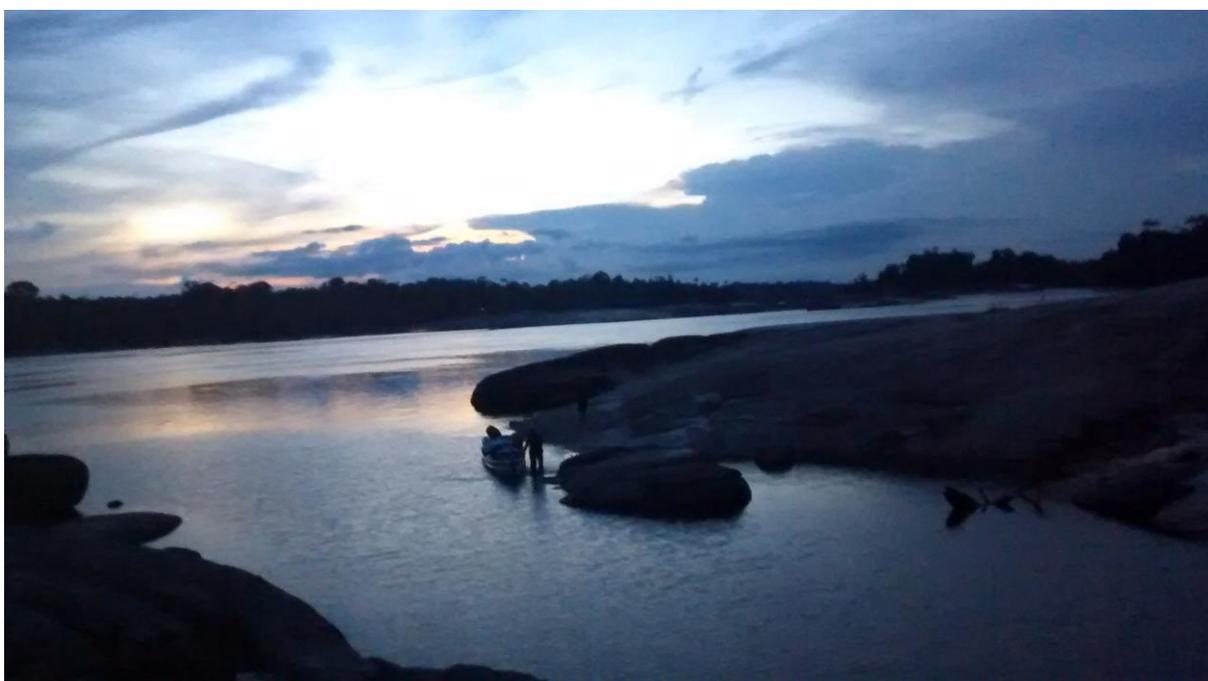


Foto 5. Viagem para a aldeia São Martinho a partir de comunidade Tukano. Rio Negro, AM, 2015.

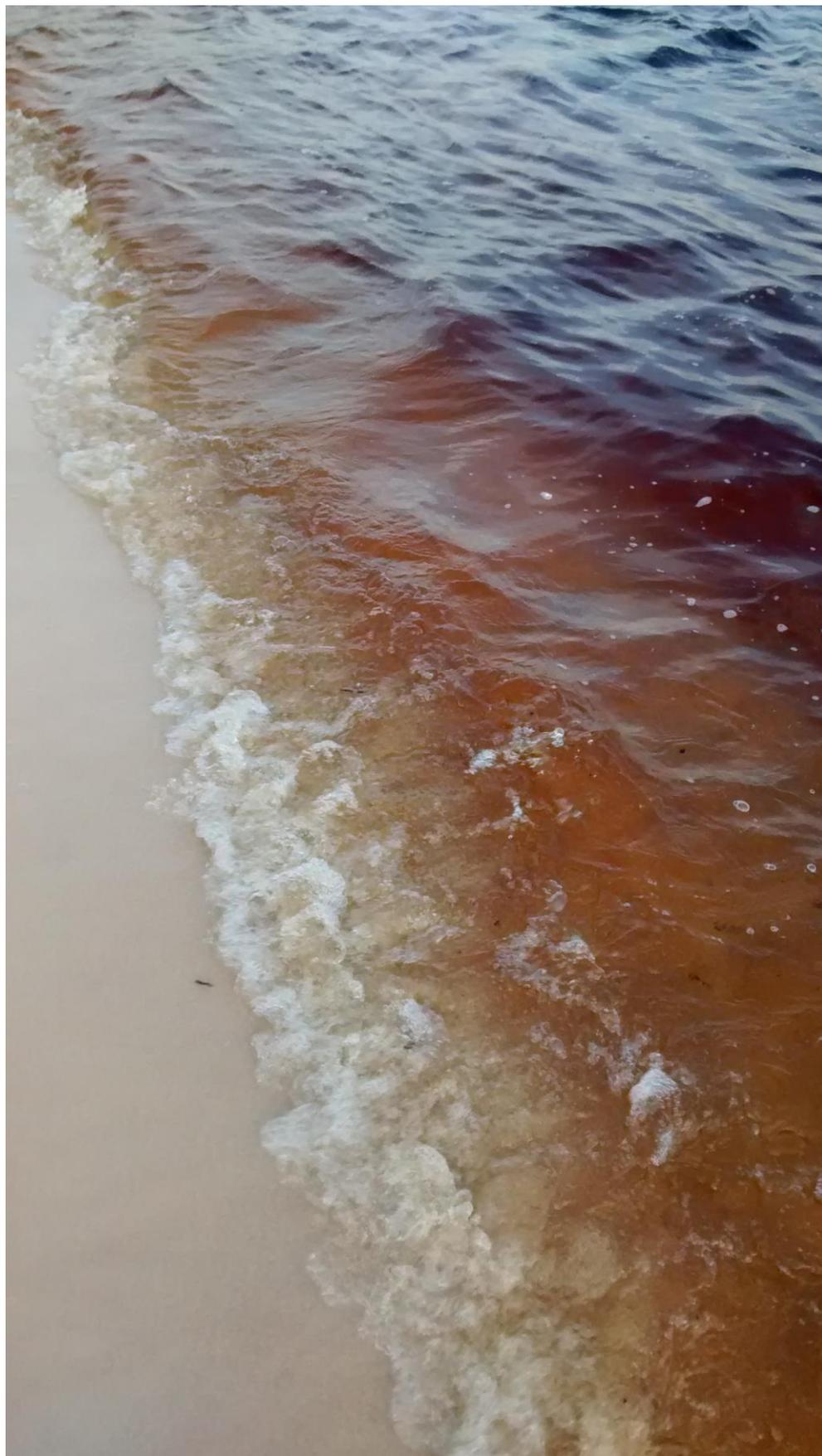


Foto 6. Águas do rio Negro em contraste com a areia branca. Igarapé Cumuri, 2015.



Foto 7. Entrada da aldeia São Martinho, igarapé Cunuri, 2015.



Foto 8. Casa em que nos hospedamos. São Martinho, igarapé Cumuri, 2015.



Foto 9. Entrada da aldeia São Felipe, igarapé Cumuri, 2015.



Foto 10. Moisés com seu filho, Leandro. São Felipe, igarapé Cunuri, 2015.



Foto 11. Casa em que nos hospedamos coletivamente. São Felipe, igarapé Cunuri, 2015.



Foto 12. Casa em que nos hospedamos. São Felipe, igarapé Cunuri, 2015.



Foto 13. Refeição oferecida durante período do PGTA. São Felipe, Igarapé Cunuri, 2015.



Foto 14. Seo Américo. São Felipe, Igarapé Cunuri, 2015.



Foto 15. Criança Yuhupdeh com arco e flecha de brinquedo. São Felipe, igarapé Cumuri, 2015.



*Foto 16. Mulheres Yuhupdeh preparando caxiri para celebrar encerramento das reuniões do PGTA.
São Felipe, igarapé Cunuri, 2015.*



Foto 17. Partida da aldeia São Felipe, igarapé Cunuri, 2015.



Foto 18. Crianças segurando filhote de jacaré. São Felipe, igarapé Cunuri, 2015.



Foto 19. Retorno para aldeia São Martinho após encerramento do PGTA. Igarapé Cunuri, 2015.



Foto 20. Chegada na aldeia São Martinho. Igarapé Cunuri, 2015.



Foto 21. Casa de Seo Laureano. Aldeia São Martinho, igarapé Cunuri, 2015.



Foto 22. Seo Laureano. Aldeia São Martinho, igarapé Cunuri. Foto por: Henrique Junio Felipe, 2015.



Foto 23. Samuel, Henrique e Seo Laureano. Aldeia São Martinho, igarapé Cunuri, 2015.

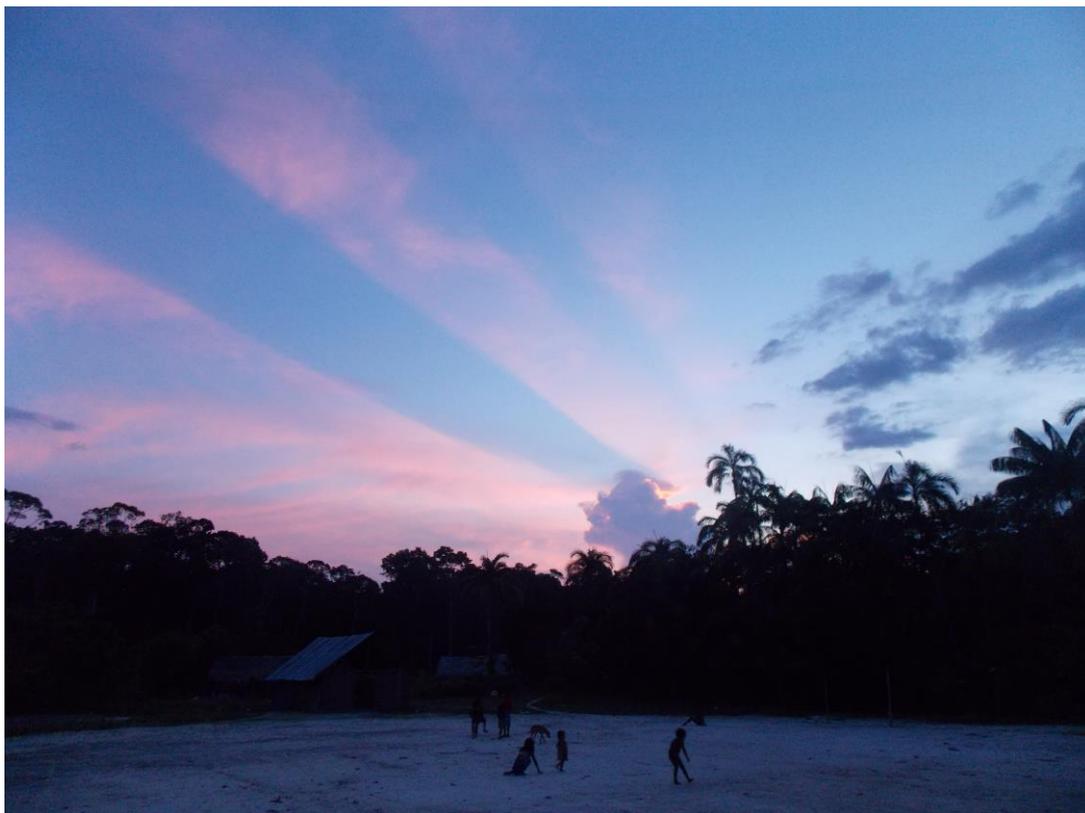


Foto 24. Pôr do sol na aldeia São Martinho. Igarapé Cumuri, 2015.



Foto 25. Mulheres Yuhupdeh fazendo aturá durante a noite. São Martinho, igarapé Cumuri, 2015.



Foto 26. Retorno para São Gabriel da Cachoeira. Rio Tiquiê, 2015.

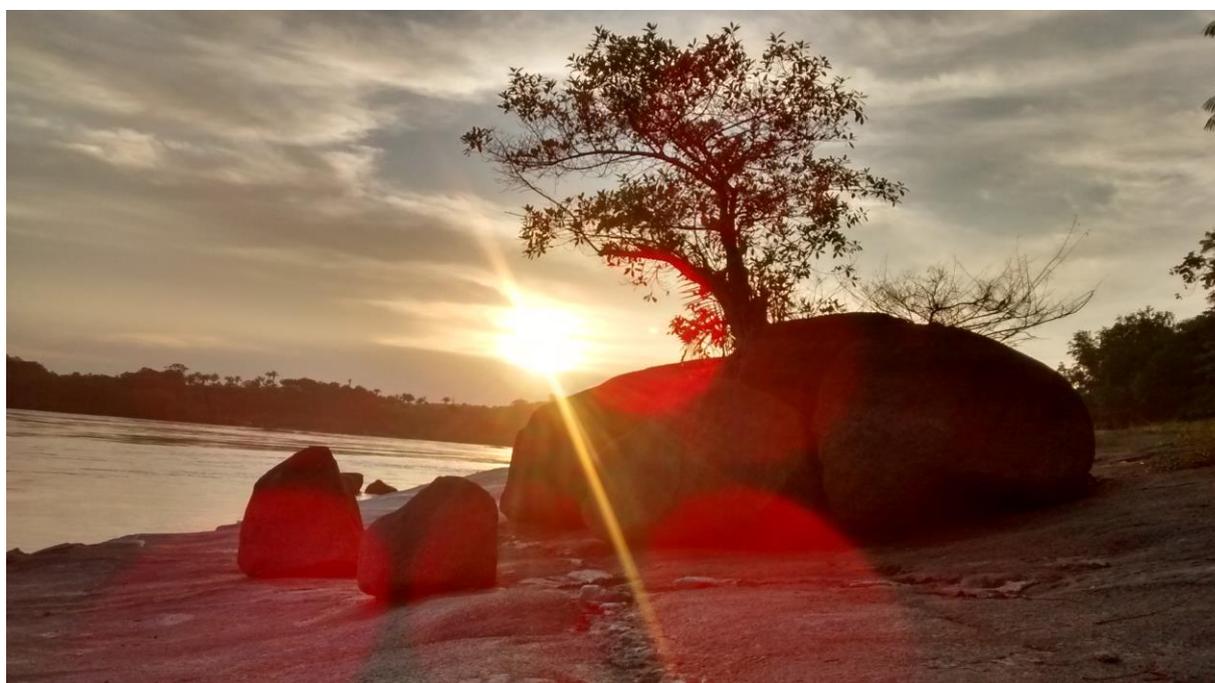


Foto 27. Orla do rio Negro. São Gabriel da Cachoeira, 2015.



Foto 28. Retorno para Manaus. Região da Bacia Amazônica, 2015.